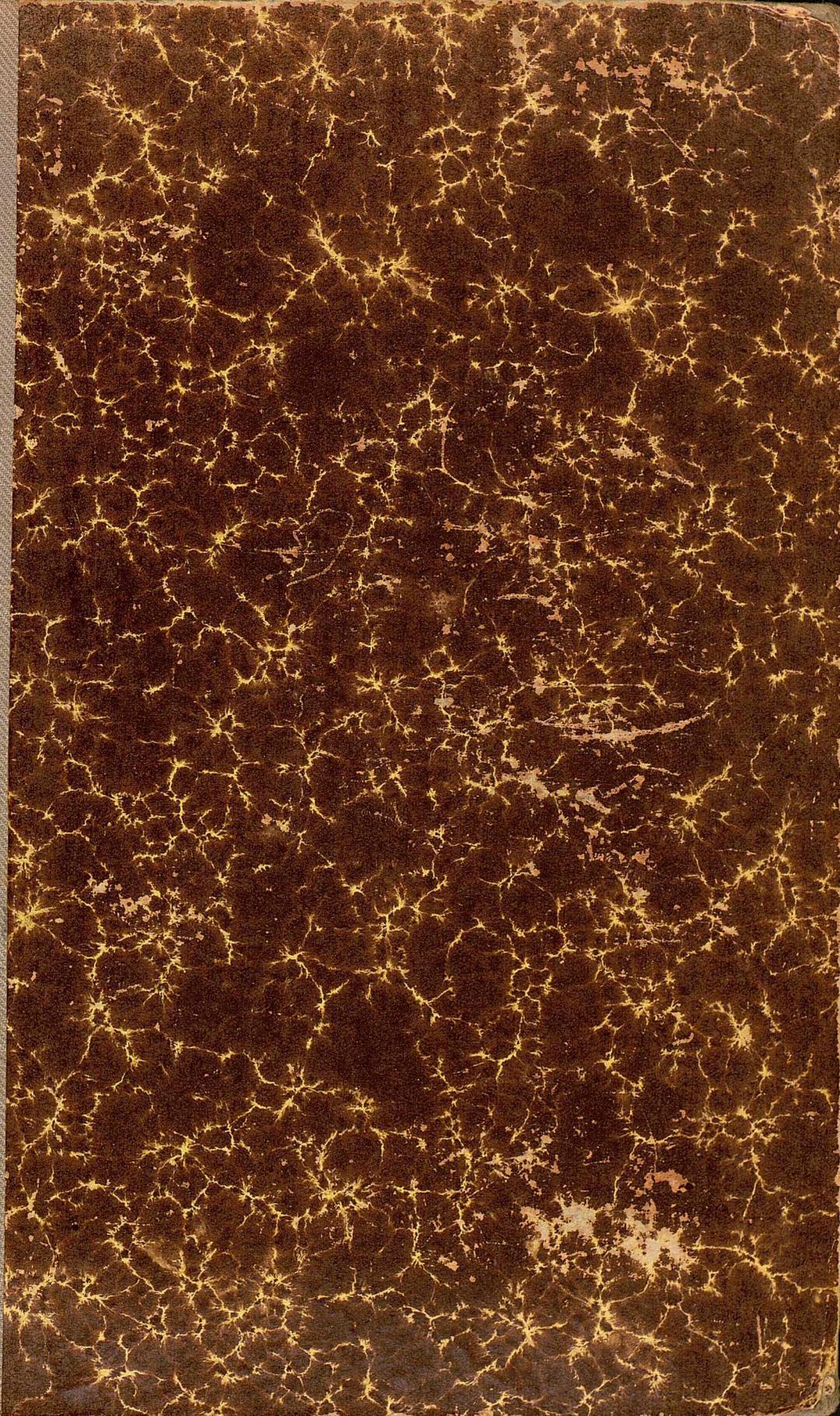
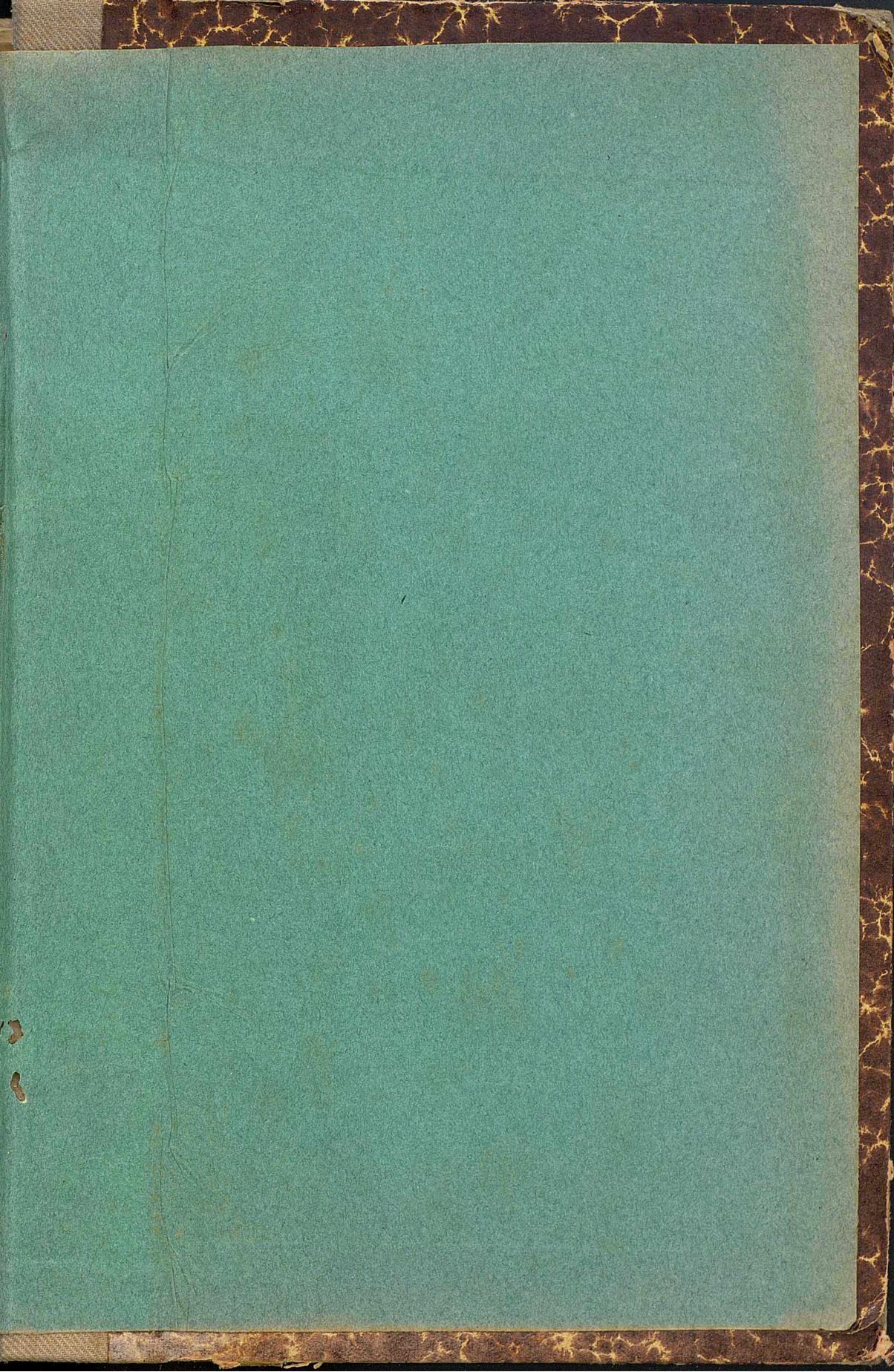


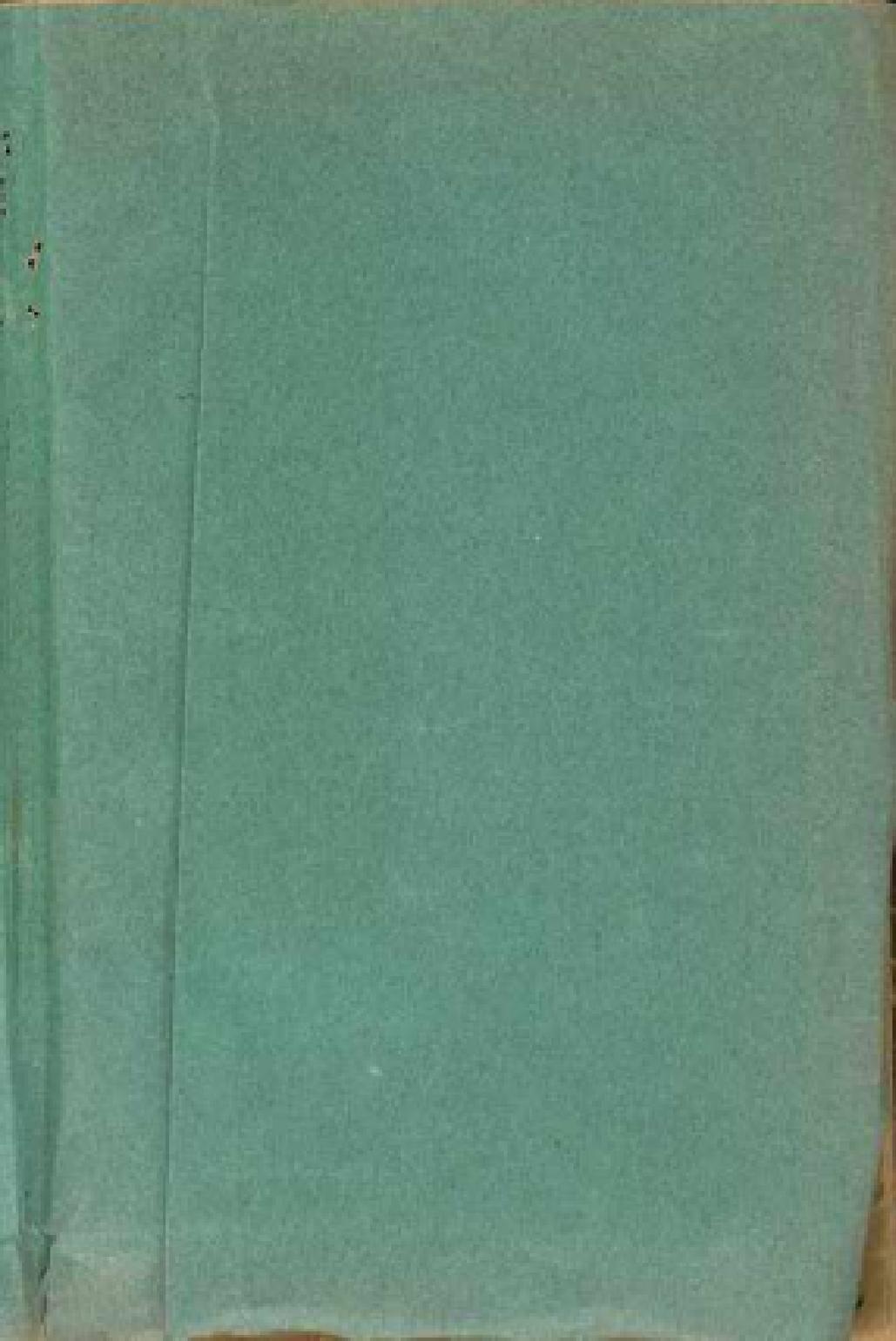
FORA

CELANEA

185
185









B
6.780

ISABEL DE SOUSA

OU

A ORIGEM DOS PALMELLAS

DRAMA HISTORICO

EM

4 ACTOS E 1 QUADRO

1768 - 1777

POR

D. BRUNO DA SILVA



Handwritten signature



No. 6.035

LISBOA
1890

(Direitos de propriedade registados)



PERSONAGENS

MARQUEZ DE POMBAL, 69 annos.

D. LEONOR, esposa de Marquez de Pombal, 50 annos.

JOSÉ FRANCISCO DE CARVALHO DAUN, 25 annos.

D. ISABEL JULIANA DE SOUSA COUTINHO, 16 annos.

D. VICENTE DE SOUSA COUTINHO, 60 annos.

D. ALEXANDRE DE SOUSA HOLSTEIN, 22 annos.

JOÃO, (José Polycarpo de Azevedo), 45 annos.

MARIA, creada, 35 annos.

FR. MANOEL DE S. BOAVENTURA, 60 annos.

FR. JOÃO DE MANSILHA, 55 annos.

ANTONIO, creado.

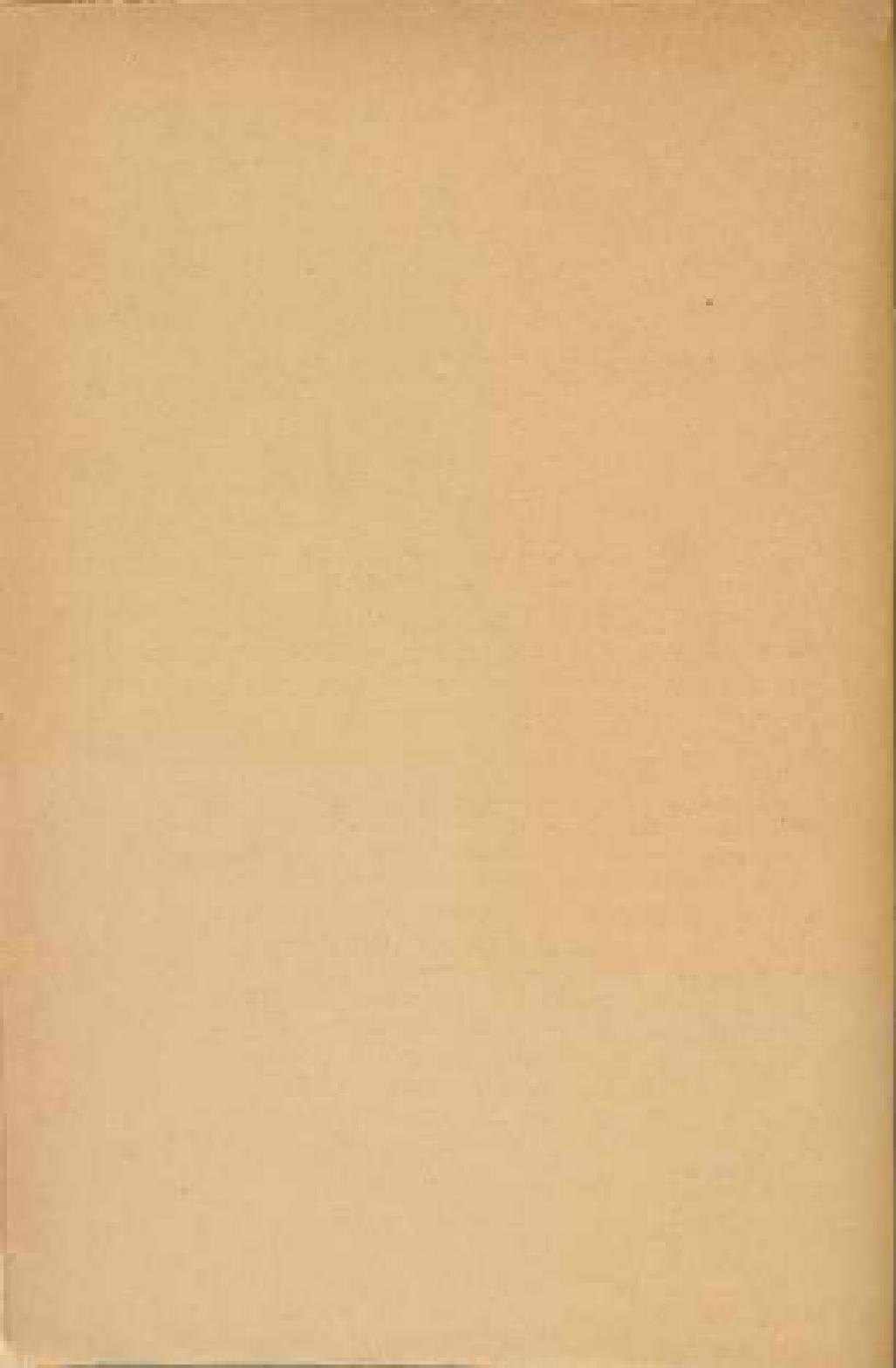
BENTO, idem.

P.^o MALAÇHIAS

CONDE DE RESENDE

Mestre da orchestra e musicos do Conde. Convidados, freiras e povo.

A acção passa-se em Lisboa e em Evora



Ao Excellentissimo Senhor

Francisco Eduardo de Barahona Fragoso Cordovil da Gama Lobo

Ex.^{mo} Sr. — Permitta-me V. Ex.^a que, evocando o nosso passado viver de moços, em Coimbra, lhe dedique hoje esta singela composição litteraria = *D. Isabel de Sousa, ou a Origem dos Palmellas*, drama historico em quatro actos e um quadro.

Melhor occasião não achára eu, no momento em que V. Ex.^a superior á pequenez, grande por sentimentos, por educação, por haveres, apaga da tela historica do actual viver d'esta cidade uma nodoasinha, que lhe não ficava bem presentemente, e muito menos no futuro, que ha de julgar homens e acontecimentos, mandando a expensas suas concluir o *Theatro Garcia de Resende*, obra magnifica tanto por sua grandeza material, como por sua architectura, para o doar ao povo na pessoa moral do municipio de Evora.

Nas duas orientações de vontades e de desejos, no tocante á inauguração d'este theatro, apparece, a muitos sympathica, a ideia de que o primeiro spectaculo deva ser representado por homens d'esta cidade, com musica e peça escriptas aqui, com todos os elementos locaes.

Ouçõ que não é desagradavel a V. Ex.^a este pensamento.

Assim, e por que eu tenho, ha tempos, esboçado este drama historico, rigorosamente historico, cuja accção começa em Lisboa e termina no convento do Calvario d'esta cidade, drama sympathico pelo assumpto, agora, terminado, o ponho nas mãos de V. Ex.^a.

Intitulo-o: *Isabel de Sousa ou a Origem dos Palmellas*, porque, em verdade, de um consorcio que 'nelle ha nasceo o primeiro Duque de Palmella, tão proeminente nas luctas politicas da liberdade de Portugal, 'neste seculo.

Dado que não seja sufficiente como não é, o pessoal artistico da cidade, se bem que 'nelle haja verdades vocações, pode o desempenho deste drama ser confiado a companhia da capital, professa na arte, que nol-o dê perfeito nas concepções pessoas e no desempenho, que tem difficuldades grandes, mas não invenciveis.

No kaleidoscopo de minha imaginação vejo que o drama ha de agradar ao publico, tão distribuidas vejo eu 'nelle as cores locaes, a sombra e a luz necessarias.

Levo pouco a V. Ex.^a; mas, dou o que tenho e da melhor boa vontade, que pouco tem quem se dá a letras.

De V. Ex.^a

muito respeitador amigo e creado.

Cartuxa de Evora, Fevereiro de 1889.

A. F. B.

1.º ACTO

Sala em casa do Conde de Oeiras. Portas ao fundo e á direita. Á esquerda porta da capella, e junto d'ella porta falsa. Mobilia da epocha : mesas, secretária, contador, etc.

SCENA I

Bento e D. Vicente

BENTO (*dando entrada*) Eu vou dar parte da chegada de V. Ex.^a (*sae.*)

D. VICENTE (*só*). Uma conferencia com o conde de Oeiras em sua casa razão é para cogitações e desasoscego. Se bem que eu não tenha estado fóra de suas boas graças e viva alheio a cousas politicas e a segredos de estado, o annuncio de uma conferencia com este homem não me é agradavel (*pensando*) Alguma intriga de meus inimigos; porque devo tel-os, como todos nós (*pensando mais*) Não vejo nada, não encontro no meu pensar cousa alguma que possa determinar esta visita a Sebastião José. Emfim aguardarei sua vinda (*ouvem-se passos*) Eil-o que chega.

SCENA II

O mesmo, e José de Carvalho

José. Deve demorar-se pouco meu pae, sr. D. Vicente. Venho fazer-vos companhia.

D. VICENTE. Obrigado, José de Carvalho; mas, posso esperar só. No emtanto, como quizerdes.

José. Como passa vossa graciosa filha, a sr.^a D. Isabel?

D. VICENTE (*áparte*) D. Isabel! (*alto*) Passa bem, obrigado. (*como inquirindo*) Interessa-vos a saude d'ella?

José. Quem se não ha de interessar por tão gentil menina, por tão esbelta creatura?

D. VICENTE (*inquirindo*) Pareceis-me um seu namorado, José de Carvalho. . .

José. Não sou; mas, pois que tal ideia apresentaes bem o desejara ser. São, porém, de puro comprimento e de respeito as nossas relações. Já tentei fazer-lhe a corte (e não o leve V. Ex.^a mal a um moço) mas, apenas delicadas palavras colhi, totalmente alheias ao amor que nascia em meu peito por ella, e que ainda se não extinguiu.

D. VICENTE (*áparte*) É possível. (*alto*) É muito nova minha filha: talvez não desabrochasse ainda em seu peito esse puro sentimento.

José. Na idade d'ella não é crível, sr. D. Vicente. Sabeis como é precoce o desenvolvimento no seu sexo. . .

D. VICENTE. Influencias do meio em que vivem muitas meninas podem apressar o apparecimento de sen-

timentos amorosos em seus corações, é certo; porém, minha filha tem sido educada sob a influencia religiosa, onde o amor de Deus, mais do que o dos homens tem tido verdadeiro culto.

JOSÉ. Não exclue o culto do amor dos homens, o que devemos á religião. Isabel é uma perfeita senhora. . .

D. VICENTE. E' uma creança, é o que ella é. José de Carvalho: ainda lhe não percebi esses sentimentos.

JOSÉ. Receio o contrario, sr. D. Vicente, intimas afeições terá já a outro homem.

D. VICENTE. Talvez; mas. . . não tenho conhecimento de tal cousa. (*á parte*) Occultemos. (*sentem-se passos*) Penso que chega o sr. Conde.

SCENA III

O mesmo, o Conde de Oeiras, menos José de Carvalho, que sae

CONDE DE OEIRAS. Desculpae, D. Vicente, a demora que vos fez esperar. (*Acena á José de Carvalho, que sae*)

D. VICENTE. Cheguei agora mesmo, poucos momentos são decorridos. Digne-se V. Ex.^a expor o assumpto d'esta conferencia.

CONDE. El-Rei, nosso Senhor, e meu amo, encarrega-me de vos consultar sobre assumpto de seu serviço e de vossa honra.

D. VICENTE. El-Rei pode dispor deste seu servidor sem me consultar; entretanto honre-me V. Ex.^a expondo o caso.

CONDE (*sobrolho franzido*) Sua Magestade não costuma empregar em seu serviço vassallo algum contra sua vontade, maiormente sendo elle fidalgo de elevada stirpe, como V. Ex.^a.

D. VICENTE. São honras que não mereço.

CONDE. Mereceis. Serei breve. Sua Magestade lembrou-se de V. Ex.^a para seu representante em Paris; contando que V. Ex.^a aceitará esta honra, ordenou-me vos diga que deveis partir dentro de oito dias.

D. VICENTE. Eu! Porém, sr. conde, eu não me sinto com meritos para tanto; a côrte de França. . .

CONDE (*severo*) Recusaes?!

D. VICENTE. Recusar! De modo nenhum; lembrar sómente a falta de aptidão, de merecimentos, isso sim.

CONDE (*sorrindo*) Ora deixae modestias improprias de vosso prestimo e de vossos annos. Sem merecimento me vedes ao serviço de El-Rei, nosso Senhor, e com ajuda de Deus tenho feito em seu prol o que tenho podido. O homem que por si não pode auxilia-se de outros. Isto tenho eu feito.

D. VICENTE. Porém, os meus achaques, a minha. . .

CONDE (*interrompendo-o de sobrolho carregado*) Uma honra como esta não se recusa, e mal fazeis em lembrar obstaculos. Vou communicar vossa annuencia a El-Rei, que dentro de alguns dias vos nomeará. (*risinho*) Vêde, sr. D. Vicente, que a honra que recebeis deverá ser invejada de muitos.

D. VICENTE. É possível.

CONDE. Podeis crel-o. Guardae segredo sobre o assumpto d'esta conversação e aprestae-vos para sairdes em breves dias.

D. VICENTE. Não poderia, porém, haver maior de-longa? Os negocios de minha casa. . .

CONDE. Talvez: da vontade de El-Rei, nosso Senhor, depende o caso.

D. VICENTE. E da vossa protecção, em que devo confiar.

CONDE (*baixo*). Bom. (*alto*) Tel-a-heis. (*aperta-lhe a mão, como quem se despede*). É verdade: mandae-me o vosso mordomo, logo que chegardes a casa: preciso fallar-lhe. Fazeis-m'ó?

D. VICENTE (*áparte*) Saberá elle?... (*alto*) Isso farei. (*sae*)

CONDE (*da porta do fundo e já depois de D. Vicente ter desaparecido*) Occorre-me ainda um pensamento, que vos exporei em termos breves, D. Vicente, se vos dignardes voltar e ouvir-me. (*D. Vicente volta*)

Está-vos confiada a mais importante embaixada de Portugal, pelo que vos felicito. Para que ambos nos possamos felicitar tive agora uma ideia, que vos exporei singelamente, como convem aos nossos interesses, e minha vontade.

D. VICENTE. Falle V. Ex.^a.

CONDE (*solemne*) Sentemo-nos. (*assentando-se*) Tendes uma filha solteira e eu um filho.

D. VICENTE (*áparte e rapido*). Ah! (*alto*) É verdade.

CONDE (*continuando*) Não aconselharão os interesses de nossas familias o casamento de ambos, antes de vossa partida?

D. VICENTE. Fulminante proposta! sr. conde!

CONDE. Deixemos inuteis rodeios: o segundo ponto d'esta conferencia já o conheceis; por tanto dizei vosso parecer.

D. VICENTE (*baixo*) Bem me parecia a mim! (*alto*) Se de mim só dependesse a resposta... tel-a-hieis affirmativa; porém, minha filha...

CONDE. Annuirá á vontade do pae.

D. VICENTE. Não vol-o posso affirmar: se bem que obediente... é negocio este de felicidade ou de infeli-

cidade futura em que nós, os paes, não devemos ser auctoritarios.

CONDE. Ao contrario ; penso que ninguem pode desejar mais a ventura de seus filhos do que os paes, e que nós seremos quem lhes prepare um futuro abastado de meios.

D. VICENTE. D'esse modo exclue V. Ex.^a da união dos dois os laços da affeição natural, ao menos os da amizade.

CONDE. Os laços do sentimento são fracos e de pouca duração, os da riqueza mais solidos e perduraveis. Não faço caso dos primeiros, e essa amizade, de que fallaes, ha de trazel-a o tempo. Assim, ajustemos, D. Vicente, este consorcio de nossos filhos.

D. VICENTE. Divergimos de opiniões, sr. conde: não devo sacrificar minha filha sem a consultar primeiro, dado que ella não ame a José de Carvalho.

CONDE (*contrariado e erguendo-se*) Não pode desgraçar a ninguem o casamento de vossa filha, nem a ella, com um filho do primeiro homem de Portugal e dos primeiros da Europa (releuae a immodestia). Assim, desejo realisar este consorcio, e quero-o celebrado sem demora.

D. VICENTE. Consenti que nada decida sem fallar a Isabel.

CONDE (*de sobreceño carregado e fitando-o de luneta*). Não estou acostumado a contrariedades, D. Vicente! O casamento ha de fazer-se, e tenho a honra de vos lembrar que a contraria insistencia de V. Ex.^a vos pode ser prejudicial.

D. VICENTE (*com muita dignidade*). Quereis então forçar-me á obediencia, e a sacrificar minha filha, abusando do poder que tendes.

CONDE (*solemnissimo*) Não falleis em violencias, sr. D. Vicente! Propostas de casamentos vantajosos não são violencias. Ide prevenir vossa filha, aguardae minha ulterior resolução, e demos por terminado o ajuste.

D. VICENTE (*com dignidade*) Senhor Sebastião José de Carvalho e Mello, irei consultar minha filha; mas ficae certo de que se ella não annuir á proposta, não será o pae quem tema o vosso poder e . . .

CONDE (*forte*). D. Vicente!

D. VICENTE (*cortejando, digno*) Senhor conde de Oeiras! (*sae*).

SCENA IV

Conde, só

(*Da porta do Fundo, fitando o de luneta*) É negocio feito. (*vindo á scena*) D. Vicente não quererá viver no forte da Junqueira em companhia de tantos. Pae e filha hão de annuir, se hão de! (*passeiando*). O amor, essa affeição natural é uma tonteria de creanças, que se dissipa com o tempo, como um nevoeiro com o vento. A razão! a razão! Essa sim, que me tem feito grande para fazer de Portugal uma potencia de primeira ordem, e para mostrar á nobreza que os verdadeiros fidalgos fazem-se. (*assenta-se*) Graças ao terror de que cerquei meu nome. D. Vicente ha de annuir a tudo; ha de partir para França e dar-me a mão da filha para esposa do meu José. Mas, dado que um não queira e outro me engane? (*resoluto*) Ainda cabem ambos na Torre ou na Junqueira.

Dizem por ahi que estou no *throno* e tenho El-Rei no *torno*! Não se enganam de todo, não! (*ufano*) El-Rei sou eu, em verdade. O que porém, me é preciso é não

ser um rei pobre, um Belisario, e consolidar a grandeza de minha familia.

A filha de D. Vicente convem ao meu como herdeira de sua grande casa. Aos demais filhos irei fazendo outro tanto. Pois não seria um grave erro o de engrandecer Portugal sem me engrandecer a mim? Certo que o seria. E se Necher e William Pitt me não são superiores em talento forçoso é que o não sejam em riquezas. (*erguendo-se*) Poderoso e mais forte do que Samsão não haverá ahí Dalilla que me corte os cabellos; porque. . . porque os tenho no coração. Assim é que continuarei a abater aos velhos fidalgos, nobilitar-me-hei, a mim e aos meus, e lisongeari a classe media, que me irá dando força.

SCENA V

O mesmo e Fr. João de Mansilha

FR. JOÃO (*sem ainda ser visto*). Segundo as ordens de V. Ex.^a cá váe entrando Fr. João de Mansilha.

CONDE. Olá! meu frade. Temos alguma cousa de novo? (*sorrindo e vindo ambos ao proscenio*) Vem bem almoçado o meu Frei João de Mansilha?

FR. JOÃO. Apenas uma marmotasinha. . . Hoje não é dia de carne.

CONDE. Sinto esse mal e posso remedial-o: vamos almoçar de carne.

FR. JOÃO. De carne? Peccarei. . .

CONDE (*rindo*). Pedirei uma Bulla ao Papa, que te absolva do feio peccado.

FR. JOÃO. Não será preciso tanto; porque (*risonho*) se por *propter inaptenciam* existe a lei da abstinencia

à *carnibus* por ella mesmo se pode admittir a abtinencia á *piscibus*.

CONDE. Bravo! meu Fr. João; almoçaremos de carne.

FR. JOÃO. Obedecerei. . .

CONDE (*mudando de tom e de aspecto*) Antes de comeres segundo almoço, dize-me cá, Frei João, o que é preciso para se fazer um casamento?

FR. JOÃO (*como lembrando*) De prompto. . . dispensa de proclamações *in tribus diebus festivis continuis*, a vontade dos noivos e. . .

CONDE (*interrompendo-o*) E quem concede essa dispensa? Não estranhes, Fr. João, a minha ignorancia em materias d'esta ordem.

FR. JOÃO. O Ordinario, o senhor Patriarcha.

CONDE. E não se poderá fazer esse contracto de um modo mais simples?

FR. JOÃO. Para ser valido, é impossivel.

CONDE (*aspecto carregado*) Impossivel! Pois não é uma verdade aquillo do Salvador: *Quod Deos conjunxit homo non separet*?

FR. JOÃO. E' uma verdade, porém. . .

CONDE (*grave*) Porém, se duas vontades se ordenarem em Matrimonio e o fizerem com testemunhas, ninguém o annullará, entendes?

FR. JOÃO. Mas os graves auctores, como Barbosa, Cordeiro, Tamborino e Busembeau. . . e o Sagrado Tridentino. . . e. . .

CONDE (*interrompendo-o*) Deixemos Tamborinos, Busembaus e o Tridentino. Hoje mesmo ou amanhã has de celebrar 'naquella capella o Matrimonio de meu filho José com a filha de D. Vicente de Sousa Coutinho. Mas, vamos almoçar primeiro e depois ajustaremos o negocio. (*Saem*).

SCENA VI

João, só

(*Olhando a casa*) Apesar do meu disfarce tremo 'nesta casa. Tem isto sua graça, se tem! Eu em casa do meu carrasco! . . . Que quererá elle de mim? Quererá que eu lhe ajude a fazer o casamento de minha ama? Porque já se falla 'nisso, só meu amo o não sabe ainda. Mas D. Alexandre? Jesus! que se o conde sabe de seus amores com a menina e se me chega a conhecer, mette-nos na Junqueira, pelo menos, olá se mette! (*olhando em volta*) Ninguem! A mim queimava-me vivo aquelle tigre. Se elle soubesse que eu sou (*olhando mais*) não, não digo, que me podem ouvir. . . Que prazer para aquelle sanguinario! . . . Já me queimou em estatua, e apanhando-me seria ao vivo, como áquelles infelizes da Praça de Belem. São passados dez annos. . . e agora, com esta cara queimada, com esta transmutação em quasi bobo, que já vae sendo em mim uma segunda natureza, dou-te um doce, mulato de uma figa, mulato do diabo, se souberes que vivo aqui, em Lisboa, nas tuas barbas, a conversar contigo. Graças ao sr. D. Vicente de Sousa Coutinho, que é só quem sabe da minha existencia na capital, tenho visto passar dez annos da minha vida e de pesquisas do tal conde para me colher á mão e queimar. Parece, porém, que o homem já me não procura, e 'nisso e 'nesta cara transformada está a minha salvação. Entretanto é preciso ter cautela, se é! Tem-me ditô o sr. D. Vicente que apesar de dez annos passados sobre a matança de Belem o monstro humano ainda se não esqueceu de

mim. Roi-lhe a corda! É caso para desesperar, lá isso é! Mas, chiton! que sinto passos.

SCENA VII

O mesmo, o conde e Fr. João

CONDE. Almocei pouco, meu frade; a alegria tira-me o appetite. E tu?

FR. JOÃO. Eu, sr. conde, só não tive tempo; ainda assim, fiz o que pude.

CONDE. Quando assim fallas não debes ter commetido o feio peccado da gula.

FR. JOÃO. Oh! isso nunca! *Vade!*

CONDE. Não afugentes o jantar com imprecações e latins: se peccares *in conscientiae* dize-m'ò, que os meus graves auctores e meus oraculos, D. Francisco de Lemos, Cenaculo e Antonio Pereira te absolverão e remittirão o feio peccado. (*reparando em João*) Quem és tu? (*fito-o de luneta*)

JOÃO. O mordomo do sr. D. Vicente de Sousa Coutinho.

CONDE. Ah! Foi ponctual como um bretão, o senhor D. Vicente (*para Fr. João*) Sae. (*Fr. João sae*).

SCENA VIII

Conde e João

CONDE. Ora dize-me cá: como te chamas?

JOÃO (*breve hesitação*) chamo-me João Pancraccio,
EX.^{mo} Senhor.

CONDE. Tens nome de farça! Mas, ao que importa: E's antigo mordomo de D. Vicente?

JOÃO. Ha dez annos.

CONDE. Dez annos? Dez annos!... Muito bem, tens a confiança de D. Vicente?

JOÃO. Tenho essa honra, sr. conde.

CONDE. E a da menina, da filha?

JOÃO. Tambem: ajudei a creal-a.

CONDE. Pois estás no caso de me servir.

JOÃO. Possa eu...

CONDE. (*severo*) Ainda ninguem me disse que não podia, sr. D. mordomo.

JOÃO. (*assustado*) Eu... posso tudo o que V. Ex.^a quizer.

CONDE. Muito bem: careço de um auxiliar em casa de D. Vicente e has de ser tu.

JOÃO. Eu?...

CONDE. Preciso saber hoje mesmo se a filha tem amores a alguem, e d'aqui por diante quero informações do que se passar 'neste sentido.

JOÃO. Sim, senhor.

CONDE. Responde ao que te perguntei: D. Isabel ama a algum mancebo que pretenda sua mão?

JOÃO. (*hesitante*) Que eu saiba, não...

CONDE. Olha o que dizes; que se me occultas a verdade mando-te cortar em postas.

JOÃO. (*amedrontado*) Senhor, não mintto.

CONDE. Muito bem: has de levar uma carta a D. Vicente. (*vae a uma secretária e escreve.*)

JOÃO. Tudo farei. (*á parte*) Estás servido...

CONDE. (*escrevendo*) São duas palavras, que sem demora lhe entregarás. (*fechando a carta.*)

JOÃO. Tudo farei.

CONDE. (*vindo a João*) Tudo farás? Vel-o-hemos. Leva já este papel a D. Vicente, e amanhã, a esta hora exacta, aqui, ou mesmo antes, se houver novidade que eu deva conhecer.

JOÃO. Tudo farei.

CONDE. (*de melhor aspecto*) Não me temas: cumpre o teu novo officio e toma. (*dá-lhe dinheiro*).

JOÃO. Se V. Ex.^a permite, não acceito.

CONDE. (*severo*) Serviços pagam-se; espíões compram-se. Toma, vae. (*aponta-lhe para uma porta do fundo, por onde João sae acceitado o dinheiro.*)

SCENA IX

Conde, e depois Fr João e José de Carvalho.

JOSÉ DE CARVALHO. Meu pae . . .

CONDE. (*interrompendo-o*) José, has de casar amanhã com D. Isabel Juliana de Sousa Coutinho, filha de D. Vicente de Sousa.

JOSÉ DE CARVALHO. (*satisfeito*) Será a realisação de uma de minhas ambições de rapaz; porém . . .

CONDE. (*interrompendo-o*) Porém! E é meo filho quem diz porém? Porém é hesitação que não admitto.

JOSÉ DE CARVALHO. Foi uma referencia que fiz a não querer Isabel ser minha esposa . . .

CONDE. Quer. (*para frei João*) Frade, vae immediatamente da minha parte ter com o Patriarcha e pedir-lhe essa auctorisação, ou dispensa em que fallaste com citações de auctores graves.

FR. JOÃO. E que razão hei de eu allegar perante sua Eminencia?

CONDE. (*contrariado*) A eminencia da minha vontade.

FR. JOÃO. Se, porém, o senhor Patriarcha fizer alguma observação ácerca das causas, que são muitas, segundo Villa Lobos, Barbosa e Salmeron; porque os casamentos dos magnates são *valde* publicos, e é *negotium conscientiae*.

CONDE. E de *prudential episcoporum*. Se pozer duvidas não insistas e vem-m'ó dizer. Amanhã ha de celebrar-se este matrimonio aqui, 'nesta capella. Toma um coche e vae sem demora. (*Fr. João, sae*)

SCENA X

O conde e o filho

CONDE. Assenta-te e escreve o que vou dictar. É o ultimo convite, que os demais já estão feitos e foram expedidos ha tempo.

JOSÉ DE CARVALHO. Com a melhor vontade.

CONDE (*dictando*). Ex.^{mo} sr. D. Vicente. Para festejarmos os esponsaes de nossos filhos tenho a honra de vos esperar a V. Ex.^a e a sua familia, hoje á noite 'nesta sua casa. (*pausa*) Escreveste?

JOSÉ DE CARVALHO. Já.

CONDE. Eu assigno. (*vae assignar, dobra a carta, etc.*) Vem commigo. (*saem*)

SCENA XI

Bento e Antonio, creados

BENTO (*com candelabros de prata para adornar a sala*). Que precipitação! Isto é de matar a um homem!

ANTONIO. Qual matar! A' noite ceiamos melhor. Deixa correr.

BENTO. Hei de ter boa vontade de comer! Estafado como um sendeiro do Borratem. . .

ANTONIO. Pois eu tomára bastantes festas cá em casa, para me alambasar com bons petiscos e golozeimas. (*começa a escurecer*)

BENTO. Forte lambão!

ANTONIO. Qual! Isso é engano teu.

BENTO. Será; mas, ajuda-me a desviar esta secretária, que não posso com ella só.

ANTONIO. (*pondo castiçaes sobre a mesa, etc.*) Já lá vou.

BENTO. Mas, para que será esta assembleia?

ANTONIO. Essa agora! Pois não sabes que casa amanhã o sr. José de Carvalho? (*Vae ajudar Bento a desviar a secretária*)

BENTO. Ainda não ouvi fallar em tal cousa; mas, para que serve uma festa hoje? Se fôsse amanhã. . .

ANTONIO. E' festa de esponsaes: tu d'isto não percebes nada, já vejo.

BENTO. Então, quem é a ditosa?

ANTONIO. A filha de D. Vicente de Sousa Coutinho.

BENTO. Um! . . . cá me parece! Se ella é uma das mais ricas herdeiras de Lisboa!

ANTONIO. De pouco te admiras. E que me dizes a um casamento assim, arranjado do pé para a mão? Nunca se fallou 'nelle.

BENTO. São obras de nosso amo, para quem não ha demora em cousa alguma.

ANTONIO. (*accendendo velas*) Não me cheira a poder ser um bom casamento. Mas, isto está prompto desta banda.

BENTO. Também desta (*acabando de accender*).

ANTONIO. Então vamos á escadaria. (*saem: breve intervallo*)

SCENA XII

D. Alexandre, só

Penso que sou o primeiro convidado. (*olhando a casa*) Ninguém! Eu não devia ter vindo aqui, não devia, a casa do assassino de meu pae, victima na Torre do Bugio d'este despota, a quem chamam grande! Perdoa-me pae honrado a villania, a que me constrange o amor; mas, era forçoso que eu viesse, não só por não gerar suspeitas, mas por me avistar com Isabel. Isabel! Quem me diria a mim que o teu amor era volúvel como o das borboletas ás flores! Quem me faria crer que teus juramentos de amor constante se cambiariam tão depressa em volubilidade! em affeição a outro homem! E venho eu assistir á festa de teus esponsaes! E tenho força para tanto! (*resoluto*) Tenho, sim, tenho-a; porque ainda espero demovel-a com minhas supplicas. Isabel é boa, ainda creio 'nella; ainda penso que o medo do conde lhe fazer mal ao pae, ou a si propria, será a causa de tal mudança.

SCENA XIII

O mesmo, D. Vicente e a filha

ISABEL (*que ainda ouvio as ultimas fallas*) E'.

D. ALEXANDRE (*voltando-se surprehendido*) Oh! minha Isabel! Bem m'ò dizia o coração!

D. VICENTE. Cuidado! Affastae-vos.

ISABEL. Não me conheças, Alexandre; foge de mim, que eu nunca fugirei de ti.

D. ALEXANDRE. Mas consentes. . .

ISABEL. Affasta-te, que vem gente.

D. VICENTE. Disfarce bem, D. Alexandre.

SCENA XIV

Os mesmos, e José de Carvalho

JOSÉ DE CARVALHO. E' uma honra para nós, senhor D. Vicente, a vossa presença 'nesta casa, e a do meu anjo, da minha companhia futura, da minha felicidade.

D. ALEXANDRE. (*à parte*) Maldito!

ISABEL. (*sorrindo forçada*) Assim o permita o céu!...

JOSÉ DE CARVALHO. O céu ha de ser por nosso amor, anjo de formosura. Amo-te muito!

ISABEL. (*como acima*) Oh! sim, muito!

JOSÉ DE CARVALHO. (*convidando-os a entrar*) Entremos. (*saem, menos D. Alexandre de quem José de Carvalho se despede com um aperto de mão.*)

SCENA XV

D. Alexandre, só

D. ALEXANDRE. Inferno! Sim, o inferno não pode ser diverso do que me vae no peito; mas, é preciso haver coragem e não succumbir (*ouvem-se passos*) Vem alguém. (*vae a uma janella onde fica a olhar para a rua.*)

SCENA XVI

O mesmo, José de Carvalho, conde e condessa

CONDE. Não devem tardar os convidados, que ninguém se escusa a um convite meu.

D. ALEXANDRE. Faltará minha mãe, sr. conde, pois que. . .

CONDE. Oh! D. Alexandre! E' o primeiro!

D. ALEXANDRE (*sarcastico*) Quiz receber esta honra.

CONDESSA. Está incommodada de saude vossa mãe?

D. ALEXANDRE. Levemente, senhora condessa.

CONDESSA. Pois tenho pena, que vossa mãe abrilhantaria estas salas. (*vem entrando convidados de ambos os sexos*)

CONDE. (*para os que chegam*) Minhas senhoras e senhores, agradeço-vos tamanha honra, e cumpre-me ter a satisfação de vos participar o casamento de meu filho José com a senhora D. Isabel de Sousa, a formosa filha de D. Vicente de Sousa Coutinho. Afeições antigas determinam este feliz consorcio cujos esponsaes festejaremos hoje. (*José deve estar junto de Isabel e do pae della, que entram com os convidados*)

VOZES. Parabens! Mil parabens!

CONDE. Agora danças, jogos e cantos. Folgae, meus amigos. (*Alguns formam mesas de jogo ao fundo, junto da qual fica Fr. João; outros com algumas damas saem para a sala proxima, onde se devem ouvir musicas e danças*) José, sou de parecer que devas fazer as honras dessas salas; 'nesta ficarei eu a conversar com D. Vicente e com tua consorte.

JOSÉ DE CARVALHO. (*para Isabel*) Voltarei breve para junto de ti, minha adorada Isabel. (*sue*)

SCENA XVII

Os mesmos, menos José de Carvalho

CONDE. Felicitemo-nos, D. Vicente, e felicitemos a D. Isabel, a nossa filha meiga, e boa, e obediente.

ISABEL. (*à parte*) E desgraçada! (*alto*) Cumpro o meu dever, senhor conde. E'-me tão cara a vida de meu pae que por ella farei tudo o que poder fazer uma mulher.

D. VICENTE (*terno*) Minha filha!

CONDE. Essa bondade fará a vossa felicidade, esses sentimentos a de meu filho, que muito vos ama. Satisfeito de mim, de minha escolha, penso que muito a contento entraes na minha familia, não é assim? (*fitando-a*)

ISABEL. Basta ser a contento de meu pae para o ser ao meu.

CONDE. Isso esperava eu de vosso bom juizo e fidalga educação. (*como lembrando alguma cousa*) Deixo-vos agora; mas serei sem demora aqui. (*sae com a condessa*)

SCENA XVIII

Os mesmos, menos o Conde

ALEXANDRE. (*vindo a Isabel*) Oh! Isabel de minha alma! Minha Isabel, que me matas! Não posso estar aqui; morro de dôr!...

ISABEL. Tambem eu, querido da minh'alma, tambem eu soffro como ninguem; mas, precisamos ser fortes.

D. ALEXANDRE. Forte! Forte para festejar o teu casamento com outro homem! Forte para ver o meu ri-

val, para ser obrigado a fallar-lhe, sem poder desfazel-o em meus braços! . . . Forte para presenciar a minha enorme desgraça, para ser o mais infeliz dos homens. Oh! não posso Isabel! vou sair desta casa.

ISABEL. Socega, meu Alexandre. Sou tua, e tua serei para sempre.

D. ALEXANDRE. Não te comprehendo . . . mas vaes casar com outro homem . . .

ISABEL. Vou salvar a vida de meu pae.

D. ALEXANDRE. Salvar-lhe a vida!

ISABEL. Sim, que se eu não casar com José de Carvalho meu pae será irremediavelmente encarcerado na Junqueira, perdido, morto . . . como o foi o teu.

D. ALEXANDRE. Mas, casando . . .

ISABEL. Casando . . . sim . . . casando; mas, não casando.

D. ALEXANDRE. Não te comprehendo, Isabel: explica-te, meu anjo, dize . . .

ISABEL. (*interrompendo-o*) Não posso dizer mais. Crê no amor que te dei, pensa nas minhas palavras e sê cauto como eu serei forte.

D. VICENTE (*vindo aos dois*) Acabae com a conversação, que podem suspeitar. Aquelle frade não merece a minha confiança: apesar de estar vendo jogar, olha para cá de vez em quando.

SCENA XIX

Os mesmos, o conde, condessa e José de Carvalho

JOSÉ DE CARVALHO. (*vindo a Isabel*) Desculpa, minha noiva querida, esta demora involuntaria. Ha tanto a

que attender 'nestas noites. . . Mas, pareces-me pensativa. . .

ISABEL. Pensava em vós. . .

CONDE. A partida corre animada. Falta só a poesia e a musica. Havemos de ter ambas as gêmeas da harmonia. Gostas da poesia, minha filha?

ISABEL. Gosto muito de ambas, senhor conde.

CONDE. Vós mesma podeis dar o exemplo, cantando ao cravo alguma modinha.

CONDESSA. Certamente; é vossa a festa.

ISABEL. Eu!

D. VICENTE. Tu, sim, minha filha.

ISABEL. Cantarei, por vos agradar.

CONDE. Por aqui ha de haver poetas (*indo a diversos grupos e parando no de D. Alexandre*) Aqui está D. Alexandre de Sousa, que não póde deixar de ser poeta 'nesta idade.

D. ALEXANDRE. Um tanto, senhor conde, como todos nós.

CONDE (*indo a outro grupo*) Aqui temos o sr. conde de Resende, que nos offereceu uma bella composição poetica que logo ha de ser cantada. (*indo a Isabel*) Então, minha filha, se vos apraz começar a festa da poesia. . .

ISABEL (*contrafeita e indo para o cravo*) Farei o que poder.

CONDE. (*para todos*) Attenção! Attenção! (*cavalheiros e damas que estavam nas outras salas, veem entrando*)

ISABEL. (*tocando o cravo, canta:*)

Depois que a minha existencia
A' tua existencia uni,
Meu bem, já não sou qual era,
Não posso viver sem ti.

(*olha tristemente a José de Carvalho, que deve estar proximo della*).

D. ALEXANDRE. (*aparte*) Anjo!

ISABEL (*cantando* :)

Do meu proprio ser pessoal
Todo o disvello perdi;
Só me occupa o teu cuidado ;
Não posso viver sem ti.

VOZES. Bravo! Muito bem! Mais! Mais!

ISABEL. (*cantando*).

Que não ha felicidade
Sem amor, reconheci ;
Achei a gloria em teus braços;
Não posso viver sem ti.

VOZES. Muito bem!

CONDE. Canta agora, José.

JOSÉ DE CARVALHO. Depois de D. Isabel, não me atrevo: logo, meu pae.

CONDE. (*olhando diversos*) Cante D. Alexandre de Sousa, que o ha de fazer muito bem.

D. ALEXANDRE. De bom grado. (*canta* :)

Da bella ingrata
Venho queixar-me;
Que de matar-me
Se encarregou.
A liberdade,
Que o céu me dera,
Ufana e fera
Já me roubou.
Travêssô amor
Vinga-me della,
Faze que a bella
Morra por mim.

ISABEL (*aparte*) Jesus!

VOZES. Bravo! Excelente!

CONDE. Boa voz! Um dueto com minha filha deve ser esplendido. Quereis annuir?

ISABEL. Pois eu! (*cantam os dois ao som do cravo:*)

D. ALEXANDRE

No terno encanto,
No gesto affavel
Pinta-se amavel
Uma alma pura.
Ah! não me engana!
É fingimento!
Do meu tormento
Gosta a perjura.
Travêso amor
Vinga-me d'ella,
Faze que a bella
Morra por mim.

D. ISAAEL

No terno encanto
No gesto affavel
Pinta-se amavel
Uma alma pura.
Ah! não me engana
Seu fingimento!
Ao seu tormento
Não sou perjura.
Travêso amor
Defende a bella!
Tem mais cautela
Por ti, por mim!

VOZES. Lindo! Bravo! Muito bem!

CONDE. Agora a tua vez, José. Eu te dou o mote:—
Dos zelos a vil paixão.

JOSÉ. (*cantu ao som do cravo:*)

Affirmam que sem ciumes
Não se dá terna afeição,
E eu reputo opposta a amor
Dos zelos a vil paixão.

D. ALEXANDRE. (*sarcastico*) Muito bem! Bravo!

JOSÉ (*cantando:*)

Amor suppõe sympathia
E mutua inclinação,
E sempre suppõe discordias
Dos zelos a vil paixão.

CONDE. Muito bem!

VOZES. Bravo!

ISABEL. Parabens!

CONDE. (*para o mestre da orchestra*) Agora o epithalamio do sr. conde de Resende.

CONDE DE RESENDE (*para todos*) Desculpae a imperfeição.

CONDE (*para o de Resende*) Sempre modesto.

CONDE DE RESENDE (*para o mestre da orchestra*) Podeis cantar.

MESTRE DA ORCHESTRA (*canta:*)

Em carro lucido
Que vejo eu ?
Um numen lindo
O hymeneu.

CORO (*de musicos*)

Bem vindo seja
O numen louro,
Rico thesouro
De perfeições,
Que a dois amantes
Cegos de amores,
Prende com flores
Os corações.

MESTRE DA ORCHESTRA.

Vem de proposito
Do céo, que habita,
Destes amantes
Fazer a dita.

CORO.

Bem vindo seja
O numen louro,
Rico thesouro
De perfeições.
Que a dois amantes
Cegos de amores,
Prende com flores
Os corações. (1)

FIM DO PRIMEIRO ACTO

(1) Quando se não possam cantar ao cravo estes versos, poderão elles converter-se em recitativo, com acompanhamento do mesmo instrumento.

2.º ACTO

Sala em casa do Conde de Oeiras. Portas ao fundo e á direita. Á esquerda porta da capella, e junto d'ella porta falsa. Mobilia da epocha: mesas, secretária, contador, etc.

SCENA I

Frei João e Frei Manoel

FREI JOÃO (*depois de breve silencio*) Nada, não pode ser: a causa deve ser outra.

FR. MANUEL. Só se o conde quizer dois frades para testemunhas do casamento: a não ser isto nada mais me occorre que justifique o meu chamamento. (*pensando*) Não, não me lembro de outra cousa.

FR. JOÃO. Será isso, será. O sr. conde é tão mysterioso... tem ideias tão exquisitas... tão extravagantes... tão...

FR. MANOEL. (*como lembrando uma ideia*) Ah! Querá elle que eu confesse D. Isabel e por meio do segredo da confissão lhe descubra se ella tem dado o coração a outro homem, e o nome deste?

FR. JOÃO. Quem sabe?! 'Naquelle peito ninguem lê, e no seu rosto nada transluz do que lá vae por dentro, contra o proloquio que diz ser o rosto o espelho d'alma.

FR. MANOEL. Mas isto sería gravissima offensa a meus sentimentos, formal descrença da religião e menospreso do juramento e do sigillo da confissão! Vós, irmão, que melhor o conheceis, é quem pode repellir ou acceitar esta ideia.

FR. JOÃO. Conheço? dizeis vós! Eu! Tanto o conheço como vós, caro irmão. É homem que se não conhece nem bem, nem mal. Só parece ter uma egualdade: a do mandar auctoritario, com que tem podido radicar bem em Portugal o principio da realza absoluta... A respeito da religião...

FR. MANUEL. Não vos atreveis a emittir parecer... tenho entendido: é um atheu, um ímpio... um...

SCENA II

Os mesmos e João

JOÃO. (*que deve ter ouvido as ultimas palavras*) Dão licença vossas paternidades?

FR. JOÃO. Pode entrar e dizer o que pretende.

JOÃO. Entregar um papel em mão propria ao sr. Conde de Oeiras, e com pressa.

FR. JOÃO. Alguma novidade grande?

JOÃO. Nem pequena; porque nada sei.

FR. MANUEL (*á parte, a Fr. João*) Quem é este sujeito?

FR. JOÃO. É o mordomo de D. Vicente.

João. Então faz-me vossa paternidade o favor de...

FR. João. Eu vou mesmo chamal-o. (*sae*).

SCENA III

Os mesmos, menos Fr. João

João. Não tenho a honra de conhecer a vossa paternidade; mas atrevo-me a fazer-lhe um pedido, e sem demora, antes que venha o sr. conde de Oeiras.

FR. MANOEL (*admirado*) A mim!?

João. Exactamente.

FR. MANUEL. Então dissei lá.

João. Sem rodeios, á moda do sr. conde, que me tem ensinado estas cousas: preciso que vossa paternidade me empreste o seu habito ainda hoje.

FR. MANOEL (*pasmado*) O quê! Ora vá-se com Deos o sr. mordomo de D. Vicente, antes que eu revele este pedido, que é prefacio talvez de um crime...

João (*olhando em volta*) Ainda bem que já sabeis quem sou. De crimes em prefacio não fallemos; mas dos crimes já postos em obra, como o vosso de ha pouco.

FR. MANOEL. Qual crime?

João. O de chamardes atheu, e impio, e... ao sr. conde, aqui, na casa d'elle. Pois cuidaes que não ouvi? É motivo para inquisição, que o sei eu: por menos tem elle para lá mandado muitos.

FR. MANOEL (*á parte*) E Fr. João sem apparecer! (*alto*) Isso é falso! eu...

João (*intorrompendo-o*) Tá, tá, tá com isso de falso!

Já vou fallando mais do que convem : preciso desse habito hoje ; se m'ò não emprestaes . . .

FR. MANOEL (*à parte*) Valha-me Deos ! (*alto*) Espere, espere ! (*baixo*) Será o demonio este homem ? Tem cara d'isso. (*alto*) Empresto ; mas, quando ?

JOÃO. Já.

FR. MANOEL. Já ?

JOÃO. Sim.

FR. MANOEL. Mas . . .

JOÃO (*interrompendo-o*) Venha commigo (*para o levar pela porta do fundo esquerda*)

FR. MANOEL. Mas, não entrega ao senhor conde essa carta, de que fallou ?

JOÃO (*baixo*) Diabo ! (*alto*) E' verdade (*pensando*) Não ha tempo a perder : dê-lhe vossa paternidade esta carta de meu amo e venha ter commigo lá em baixo, á entrada do palacio.

FR. MANOEL. Porém, como hei de eu furtar-me ao sr. conde, que me mandou chamar ?

JOÃO. Não sei : arranje-se como poder, que eu sáio já e cá o espero embaixo. (*sae*).

SCENA IV

Fr. Manoel, só

Será o demonio disfarçado ? Jesus ! Aquella cara chamuscada . . . O que hei de eu fazer ? o que hei de eu fazer ?

SCENA V

O mesmo e Fr. João

FR. JOÃO. Virá brevemente o sr. conde (*reparando*)

na falta de João) Mas que é isto? Vós com a carta que trazia o mordomo, e este sem estar aqui, tendo dito que pessoalmente a queria entregar! Explicae-me. . .

FR. MANOEL. Tomae esta carta vós, dae-a ao sr. conde, e adeos! (*para sair*)

FR. JOÃO. Cresce o meu espanto. Que é isto! Fallae. (*ouvem-se passos*)

FR. MANOEL. Não posso. . . mais tarde o farei, se poder. . . adeos! (*dá-lhe a carta e sae rapido pela porta do fundo esquerdo*).

SCENA VI

Fr. João, só

Ora esta não está má! Isto não se comprehende. . . (*pensando*) Qual! o que hei de eu fazer! Valham-me todos os santos da minha Ordem.

SCENA VII

O mesmo e José de Carvalho

JOSÉ. Não pode vir aqui meu pae, entregue a negocios importantes de estado. (*olhando*) Não esperava aqui por meu pae o mordomo de D. Vicente!

FR. JOÃO. Esperava; mas. . . colhido de doença saio precipitado. . . (*baixo*) Salvei este.

JOSÉ. E não estava aqui Fr. Manoel de S. Boaventura! Meu pae mandou-o chamar.

FR. JOÃO (*baixo*) Vou salvar outro. (*alto*) Ainda não chegou: estou á espera d'elle.

JOSÉ. Dá-me a carta e espera-o.

SCENA VIII

Fr. João, só

Salvei-os! Porém, que successo será este? Porque sairiam? E logo ambos! (*pensando*) Só se fosse. . . Isso sim! Não atino de modo nenhum. O que vejo é que será preciso calar-me e fazer que não sei de nada. Esta não esperava eu! (*pensando*) Mas o que faço eu agora aqui? Vou ver se descubro alguma cousa, se explico este caso exquisito. (*sae*)

SCENA IX

João e D. Alexandre, disfarçado em frade

João (*entrando pelo fundo direito*) Ninguem está! Entrae e conservae-vos aqui. Vede agora o que fazeis! Capuz para o rosto e muita descripção. Deos queira que o vosso desejo e tentativa vos não acarretem algum mal. Se o conde vos descobrisse, estavamos promptos ambos! Que magusto!

D. ALEXANDRE. Segura-me o frade lá em baixo e deixa o caso por minha conta. Retira-te. (*João sae, e do fundo*)

João. Refrae a paixão, que nos pode perder. Quanto ao frade, esse tenho eu preso no quarto que me deu o conde e não o deixarei sair de lá. (*sae*)

SCENA X

D. Alexandre

Vou empregar o ultimo esforço para demover Isabel do casamento. Não o conseguirei; mas ao menos ficarei sem remorsos nenhuns. . . Casada com outro homem! a minha Isabel! (*Estacando*) Caso sem casar, me disse ella. Não alcanço d'estas palavras senão que me quer consolar a grande dôr que me dilacerava o peito, que me mata. Depois de casada está perdida para mim, perdida para sempre; porque seja qual fôr o sentido d'aquellas palavras, em casando com outro homem adeos! meu sonho de ventura! Adeos para sempre, Isabel de minha alma! (*permanece pensativo*)

SCENA XI

O mesmo, Bento, D. Vicente e Isabel,
que deve vir vestida de noiva e com véo branco no rosto

BENTO. Entrem V. Ex.^{as} para a sala verde, enquanto eu vou dar parte de vossa chegada ao senhor conde e á familia. (*atravessam a scena pae e filha e saem pela direita*)

D. ALEXANDRE (*emquanto passam e de capuz sobre o rosto*) Se ella soubesse que eu aqui estou!

BENTO (*para o frade*) Vossa paternidade será um frade por quem espera o senhor conde?

D. ALEXANDRE (*sem dar o rosto*) Sou, sim.

BENTO. Quer que vá annunciar?

D. ALEXANDRE. Não é preciso; espero a Frei João de Mansilha.

BENTO. Ah! Não sabia... (*sae*)

SCENA XII

D. Alexandre, só

Meo Deos! Meo Deos! E ella aqui tão perto de mim! e eu sem lhe poder fallar! Que tormento o meu! (*pensando*) Mas, para que vim eu a esta casa? Não foi para lhe fallar? não foi para lhe lembrar nossos juramentos? não foi para lhe dizer que... Vou-me apresentar a ambos (*dá passos para entrar na sala verde*).

SCENA XIII

O mesmo, e José de Carvalho

JOSE (*entrando risonho*) Que felicidade a minha! Mais uns instantes e eu serei o mais feliz dos homens. (*reparando no frade*). Ah!

D. ALEXANDRE (*baixo*) Maldição...

JOSE. Sois acaso Fr. Manoel de S. Boaventura, por quem se esperava?

D. ALEXANDRE. (*rosto coberto*) Sou esse...

JOSE. Presumo que meu pae e senhor quer que dois frades de vossa Ordem sejam testemunhas do meu casamento.

D. ALEXANDRE. E' que se me affigura que D. Isabel de Sousa casará violentada, e assim... pouca será a felicidade que vos espera...

JOSÉ (*exaltado*). Mentas, frade! Mentiram-te!

D. ALEXANDRE (*movimento de desespero*) Fr. Manoel

de S. Boaventura não mente, senhor José de Carvalho, nem foi mal informado. Vós sois quem anda illudido. Isabel ama desde sua infancia a outro homem, a quem deu seu coração. Não podeis ser feliz. . .

JOSÉ (*reparando na firmeza das fallas do frade*) Porém, as pesquisas de meu pae e as minhas não descobriram um rival, não chegaram a. . .

D. ALEXANDRE. Ainda escapam muitas cousas ás pesquisas de vosso pae. . . Vêde se poude colher á mão ao José Polycarpo de Azevedo. . . É que Deos cega aos que quer perder: *Quos Deos vult perdere, prius dementat*. Andaes cegos.

JOSÉ (*exaltado*) Frade! Frade! Porque vens tu perturbar a minha ventura? Que te importa a ti o que vae em estranhos corações?

D. ALEXANDRE. A minha missão é de paz e de concordia de almas. Vós e Isabel sereis infelizes, se realisardes este consorcio: desisti d'elle.

JOSÉ. Nunca! E prohibo-te mais fallas sobre o assumpto.

D. ALEXANDRE. Nunca! Digo eu tambem.

JOSÉ (*exaltado e forte*) Silencio! ou te perdes para sempre!

D. ALEXANDRE (*exaltado*) Fraco! que mandas calar a voz da verdade! Fraco e cobarde que pensas calar a voz da justiça, e do amor, e a da ventura de dois amantes! Nunca! Isabel é de outro homem!

JOSÉ (*correndo a D. Alexandre*) Cala-te! Cala-te! ou te afogo em minhas mãos! . . .

D. ALEXANDRE (*rosto sempre coberto, apruma-se magestoso e faz signal com a mão para que pare*) Alto! Não profanes este habito! (*aos gritos apparecem D. Vicente e Isabel á porta da direita*)

JOSÉ (*raivoso*) A Inquisição t'ó profanará, maldito!
(*sae desorientado sem ter reparado nos dois*)

SCENA XIV

O mesmo, D. Vicente, Isabel, menos José de Carvalho

D. VICENTE. Que foi isto, senhor Frade?

D. ISABEL (*conhecendo a D. Alexandre*) Ah! virgem do céu! Alexandre, que te perdes!

D. VICENTE. Fuja! saía, D. Alexandre, que se perde! que nos perde a todos!

D. ALEXANDRE. Não perco. Sairei; mas dize-me que não casarás, oh! dize-m'ó.

ISABEL. Sae, fuge! pelo nosso amor t'ó peço! Sae, que não serei de outro homem.

D. VICENTE. Depressa! (*ouvem-se passos*) Cega-vos a paixão, saí.

SCENA XV

Os mesmos e Fr. João de Mansilha

FR. JOÃO (*começando a fallar antes de apparecer á porta do fundo*) Cá vae entrando Fr. João de Mansilha.

D. ALEXANDRE. Adeos! (*sae precipitado pela porta do fundo por onde entra Fr. João, que fica attonito.*)

SCENA XVI

Os mesmos, menos D. Alexandre

FR. JOÃO. Que foi isto! Aquelle frade da minha Ordem a fugir!...

D. VICENTE. Nada vos posso dizer; entrámos aqui ao ouvir altercação entre . . .

FR. JOÃO. Um frade de minha Ordem! (*pensando*)
Acaso será?

ISABEL (*afflicta*) Será quem? Dizei, dizei!

FR. JOÃO. Fr. Manoel de S. Boaventura, um frade de minha Ordem e meu amigo, e amigo do sr. conde.

D. VICENTE (*como inquirindo*) Esse frade, porém, que esperaveis, não deverá ser este, que mais parecia um louco do que outra creatura. Talvez ainda não chegasse . . .

FR. JOÃO. Chegou, lá isso chegou; mas . . .

D. VICENTE. Mas, dizeis vós, e calaes-vos!

FR. JOÃO. É que não sei explicar bem o porque desapareceu elle d'esta casa ha pouco tempo, deixando-me a nadar em conjecturas . . .

D. VICENTE. Ah! Já cá tinha estado!

FR. JOÃO. Tinha. E o mais exquisito do caso é que tambem desapareceu d'aqui o vosso mordomo, deixando-me uma carta para o sr. conde.

D. VICENTE. Sim, mandei-o com uma carta.

ISABEL. (*satisfeita e jubilosa com as explicações*) Parece que não será cousa de importancia. (*Falla baixo ao pae, enquanto Fr. João, desviando-se*)

FR. JOÃO. Hei de saber o que isto foi; hei de saber-o.

SCENA XVII

Os mesmos e o conde de Oeiras

CONDE (*entrando de sobreceño e pondo a luneta*) Então, que frade é este que . . . (*reparando em D. Vicente e na filha*) Vós, aqui! (*mudando de aspecto e de tom*)

Desculpae-me o não haver já vindo cumprimentar-vos. Isto de máos creados que me não deram parte de vossa chegada, e isto de governar uma nação... (*mudando de aspecto e de tom*) Frei João! o que disseste aqui a meu filho, que?...

FR. JOÃO. Eu! Nada, senhor conde. Ainda o não vi depois que entrei.

CONDE (*forte*) Frade! o que disseste?

D. VICENTE. Nada. Disse a verdade Fr. João.

CONDE (*para D. Vicente*) Logo podereis vós explicar o que é isto de frades.

ISABEL (*trememente*) Deos me valha!

D. VICENTE. Pouco ou nada poderei dizer. Estando na sala verde com Isabel viemos á porta d'esta casa ao ouvirmos umas vozes mais elevadas do que o natural.

CONDE (*severo*) E depois?

D. VICENTE. Avistámos a dois homens que saiam d'ella: José de Carvalho e um frade que... não conheci...

CONDE. Mais nada?

D. VICENTE. Mais nada.

CONDE (*grave e pensativo*) Isto em minha casa! (*pensando mais e mudando de tom, e risonho*) O incidente passou e não tem importancia, D. Vicente. Isabel, minha filha, vós 'nesta casa e sem eu nem meu filho o sabermos! Desculpae. Preciso deixar-vos; mas, aqui virá já ter comvosco meu filho José de Carvalho. (*para Fr. João*) Frei João. Fizeste o que ordenei? Não saías d'aqui.

FR. JOÃO. Convidei outro frade, pois que Fr. Manoel...

CONDE (*risonho para D. Vicente*) Volto já: não po

derá ter grande demora o acto: espero . . . o que sabeis. Desfaremos vossos escrupulos. (*sáe*)

SCENA XVIII

Os mesmos, menos o Conde e depois Fr. Manoel

FR. JOÃO. Estou estonteado com isto.

D. VICENTE. Não é nada, socegae.

FR. MANOEL (*entrando*) *Benedicite*. (*comprimentando*)

Senhor D. Vicente, minha senhora.

FR. JOÃO (*puxando-lhe pela manga do habito*) Expli-
cae-me o que se passou. Parece-me que nos perdemos
todos, que o conde dá cabo de nós.

FR. MANOEL. (*baixo*) Logo.

FR. JOÃO. Porém . . .

FR. MANOEL. Silencio !

SCENA XIX

Os mesmos e José de Carvalho

JOSÉ DE CARVALHO (*apressado e risonho ao ver Isabel*)
Perdão! Mil perdões, minha Isabel! Senhor D. Vicen-
te, só por meu pae tomei conhecimento de vossa che-
gada. Os máos creados fazem disto. (*indo a Isabel*)
Perdoas-me, não é assim?

ISABEL. Se perdôo! José de Carvalho; não commet-
tes-tes falta alguma.

JOSÉ DE CARVALHO (*reparando nos frades*) Vós !!

FR. MANOEL (*comprimentando-o*) Senhor José Francis-
co de Carvalho. (*D. Vicente, a filha e Fr. João formam
grupo*)

JOSÉ DE CARVALHO (*esquecido do logar, exaltado e para Fr. Manoel*) Frade! Que palavras foram as tuas de ha pouco?

FR. MANOEL (*baixo*) E' forçoso mentir. (*alto*) As minhas palavras. . . (*breve hesitação*) As minhas palavras. . . foram um conselho amigo nascido da muita afeição que vos tenho a vós e a vosso pae, e talvez de suspeitas mal fundadas na precipitação d'estes amores e d'este consorcio.

JOSÉ DE CARVALHO. Mas essas palavras foram asperas, vehementes e reprehensivas. . .

FR. MANOEL. Não lembro que lhes imprimisse esse character. E' possivel que contrariado por vós eu dilatasse mais os meus pensamentos, fallando na possibilidade natural de alguma outra afeição da senhora D. Isabel, esmagada por dever de obediencia. . .

D. VICENTE. Estou com grandes cuidados 'naquelle conversar. . .

ISABEL. Tremo por todos nós.

JOSÉ DE CARVALHO (*depois de breve pensar*) E' possivel. . . (*como lembrando onde estava*) Preciso fallar-vos logo (*vindo a Isabel*) Outro perdão te peço, minha Isabel. A alegria traz-me desatencioso.

D. VICENTE. Nunca o fostes, nem sois.

ISABEL. É natural vossa alegria, e natural a minha.

JOSÉ DE CARVALHO. Diz-me o coração que seremos muito felizes.

ISABEL. (*riso forçado*) Sim, tambem o meu diz o mesmo.

FR. MANOEL. (*para Fr. João*) Tudo no mundo é fingimento (*apontando para os noivos*) Olhae para o que ali se passa! Se vós soubesseis. . .

FR JOÃO. O que é que não sei?

FR. MANOEL. O que mais tarde haveis de saber.

FR JOÃO. Mysterioso! . . .

JOSÉ DE CARVALHO. Tomára que chegasse o momento.

ISABEL. E porque tarda tanto? Soffro com esta demora. . . .

JOSÉ DE CARVALHO. Espera-se uma licença do Patriarcha, por que teu pae. . . .

ISABEL (*interrompendo-o*) Julgava isso concluido. . . .

JOSÉ DE CARVALHO. Meu pae queria celebrar este casamento sem essa licença, com fundamento em opiniões de theologos. . . .

SCENA XX

Os mesmos e Bento

BENTO. O sr. conde convida a V. Ex.^{as} a entrarem no salão da orchestra.

JOSÉ DE CARVALHO (*para os convidados*) Então V. Ex.^{as} fazem-nos a honra de. . . (*dá o braço a Isabel e todos saem menos os dois frades*).

SCENA XXI

Fr. João e Fr. Manoel

FR. JOÃO. Ora ainda bem que vou saber de vós o que se passou aqui e conhecer a razão porque saistes de modo tão precipitado e singular, assim como aquelle mordomo de D. Vicente.

FR. MANOEL. Bem vol-o quizera eu dizer e tudo contar. . . porém. . .

FR. JOÃO. Porém!

FR. MANOEL. Ha no caso um segredo, que não posso divulgar.

FR. JOÃO. É de confissão?

FR. MANOEL. Não é.

FR. JOÃO. Então venha de lá tudo isso.

FR. MANOEL. Prometti o não diria.

FR. JOÃO. Não dirieis. . . mas, o que? Isso é que eu devo saber: venha de lá.

FR. MANOEL. Não posso. É segredo, já disse.

FR. JOÃO. Mas não sendo sigillo de confissão não ha peccado em tudo revellar a um caro irmão. . . como eu. O que diabo. . .

FR. MANOEL. Irmão! (*serio*) Olhe vossa paternidade que fallou no inimigo e. . .

FR. JOÃO. *Lapsus linguae*, Fr. Manoel; mas que demonio de acontecimento. . .

FR. MANOEL. Irmão! Vêde que associaes o nosso inimigo commum ao pedido que fazeis, e que peccaes.

FR. JOÃO. Não me parece, irmão sisudo: *que diabo*, *que demonio*, *que mafarrico*, são formas portuguezas de fallar, e sem peccarmos. Eu não o associo ao meu pedido que nada quero com elle; mas, rebento se me não dizeis. . .

FR. MANOEL. Nada posso dizer, frei João. Repito que é um segredo de alta monta.

FR. JOÃO. Mas eu sei guardar d'isso, carissimo irmão, e quero saber tudo. O sr. conde já me perguntou com feia catadura o que tinha eu dito ao filho José de Carvalho, e se não fôsse o senhor D. Vicente, que me accudio, perderia a confiança d'elle e a sua

amizade, fóra o mais. Bem sabeis que não é o conde homem com quem se brinque. Vós dissestes alguma cousa ao filho, que o irritou, como ao pae.

FR. MANOEL. Não disse.

FR. JOÃO. Máo! Máo! que me confundo. (*com fingida tristeza*) Frei Manoel é um máo irmão, que não confia em seu querido e carissimo amigo Fr. João.

FR. MANOEL. Já vos disse que é segredo grande. Alguma cousa se passou 'nesta casa, em que eu tive de figurar, é certo. Eu . . . não, mas este habito. (*baixo*) O que fui eu dizer!

FR. JOÃO. O vosso habito! Oh! manchada a pureza d'essa estamenha! Inquinado o vosso habito por profanos, e quem sabe se com manchas de vinho ou de sangue! Oh! Horror!

FR. MANOEL (*serio e magoadado com as exclamações do companheiro*) Pharizaico zelo e horror mostrais, frei João. O meu habito não tem manchas nem de vinho nem de sangue. No vosso é que não será difficil (*apontando*) descobrir feias nodoas de vinho e de gorduras de carne . . .

FR. JOÃO (*baixo*) Saberá que comi carne á sexta feira? (*alto*) Irmão! Perdôo as offensas, que me dissestes; mas para que eu sepulte (*apontando para o peito*) aqui, a vossa saída precipitada e a do mordomo, e o emprestimo do vosso habito para algum disfarce criminoso, cousa que eu nunca fiz, é preciso . . .

FR. MANOEL (*interrompendo-o*) Eu não disse que emprestei o meu habito . . .

FR. JOÃO. Não! Ora vejam como eu sou esperto em tirar illações! É preciso que eu saiba o que se passou.

FR. MANOEL. Pois tudo contarei se prometterdes jurar-me . . .

FR. JOÃO (*apontando o peito*) *In profundis* sepultarei o que ouvir. Quem foi então que vestio esse vosso habito? (*ouvem-se passos*)

FR. MANOEL. Foi...

SCENA XXII

Os mesmos e João

JOÃO (*da porta do fundo*) Fui eu.

FR. JOÃO. Vós! Não pode ser, senhor mordomo.

JOÃO. Se pode! (*para Fr. Manoel*) Senhor frei Manoel, é certo ou não é que eu vos pedi emprestado o vosso habito?

FR. MANOEL. É certo.

JOÃO (*para Fr. João*) Já vê vossa paternidade que fui eu quem vestiu o habito.

FR. JOÃO. Mas, para que, com que fim? *Hoc opus hic labor est!*

JOÃO. Seja vossa paternidade menos curioso, que melhor fica este proceder ao vosso ministerio. Para que saber o fim com que pedi e vesti o habito do sr. Fr. Manoel? que, mais discreto, não quiz saber o para que o pedia eu, e da melhor vontade m'ò emprestou, não é assim?

FR. MANOEL (*hesitante*) Eu... sim...

JOÃO (*signal significativo*) Não é verdade?

FR. MANOEL (*tartamudeante*) E' ver... da... de.

FR. JOÃO. Aqui ha um segredo de importancia, que já m'ò disse Fr. Manoel, e não é justo nem decente, nem proprio de mim o ignoral-o eu. Sabem que o senhor conde de Oeiras é muito meu amigo, e que eu posso...

JOÃO (*interrompendo-o e zangado*) Podeis o que? Não podeis nada. (*para Fr. Manoel*) Não é verdade que nada pode Fr. João?

FR. MANOEL. Sim, verdadeiramente ha cousas que tiram a força a quem a tem.

FR. JOÃO. O que quer isso dizer? Inquietaes-me.

JOÃO. E é para inquietar, sim senhor, supponha vossa meticolosa reverencia que assim como o senhor conde de Oeiras tem espiões por toda a parte, alguém os possa ter em casa d'elle? Supponha vossa reverendissima que assim como uma denuncia, verdadeira ou falsa, mette na Junqueira fidalgos, militares e bispos, uma calumnia acintemente urdida tambem lá possa metter a um frade, a vós, por exemplo?

FR. JOÃO. A mim!

JOÃO. A vós, e porque não?

FR. MANOEL (*para Fr. João*) Irmão, não vos assusteis. (*diz-lhe alguma cousa ao ouvido*)

FR. JOÃO. Nesse caso eu devo saber mais alguma cousa.

FR. MANOEL. Agora não; mais tarde.

JOÃO. Mais tarde, sim, penso que vossa paternidade saberá muitas cousas; por agora basta que saiba que não deve fazer mais perguntas, e que deve saber (*em voz baixa*) que o seu amigo conde de Oeiras ainda tem muitos elementos contrarios ao seu querer d'elle, poderosos, temiveis, assustadores.

FR. JOÃO. Mas eu devo saber o que se passou aqui: eu tambem sei guardar segredo.

JOÃO. Pois guardae segredo de tudo isto, d'esta conversação e do que vos vou dizer: Em volta da piedosa Senhora Infanta D. Maria já está o melhor da nação na fidalguia humilhada pelo pae em Belem, no clero

ultrajado na pessoa do bispo de Coimbra e nas armas offendidas no marquez de Alorna. Condensam-se nuvens temerosas e vossa reverendissima não quererá, por certo, ser tocado do raio que se despeça d'essas nuvens negras. Penso que me terá entendido. . .

FR. MANOEL. É verdade.

FR. JOÃO. Mas. . . (*ovem-se passos*)

JOÃO. Silencio!

SCENA XXIII

Os mesmos, D. Vicente e a filha, conde, condessa
e o filho, convidados

CONDE DE OEIRAS (*com um papel na mão*) Chegou, finalmente, o momento de dois paes fazerem uma boa obra, casando seus filhos a contento e á vontade d'elles (*para frei João*) Frade, has de assistir a este matrimonio e abençoal-o em nome de Deos. (*Frei João entra na capella e João sae por uma porta do fundo*)

JOSÉ (*para Isabel*) Não te sentes agora feliz, minha Isabel?

ISABEL (*sorrindo forçada*) Oh! muito feliz! . . .

CONDE (*para D. Vicente*) Um bom serviço fará V. Ex.^a a el-rei e á patria, partindo ámanhã mesmo para Paris. (*para todos*) E' verdade, tenho a honra de vos apresentar o embaixador de Portugal em França, o senhor D. Vicente de Sousa Coutinho.

VOZES. Parabens! parabens!

CONDE. Entremos, pois, na capella, (*Vão entrando convidados, Fr. Manoel, o conde, a condessa e o filho, e por ultimo, D. Vicente e a filha. A uma porta do fundo deita a cabeça João*)

SCENA ULTIMA

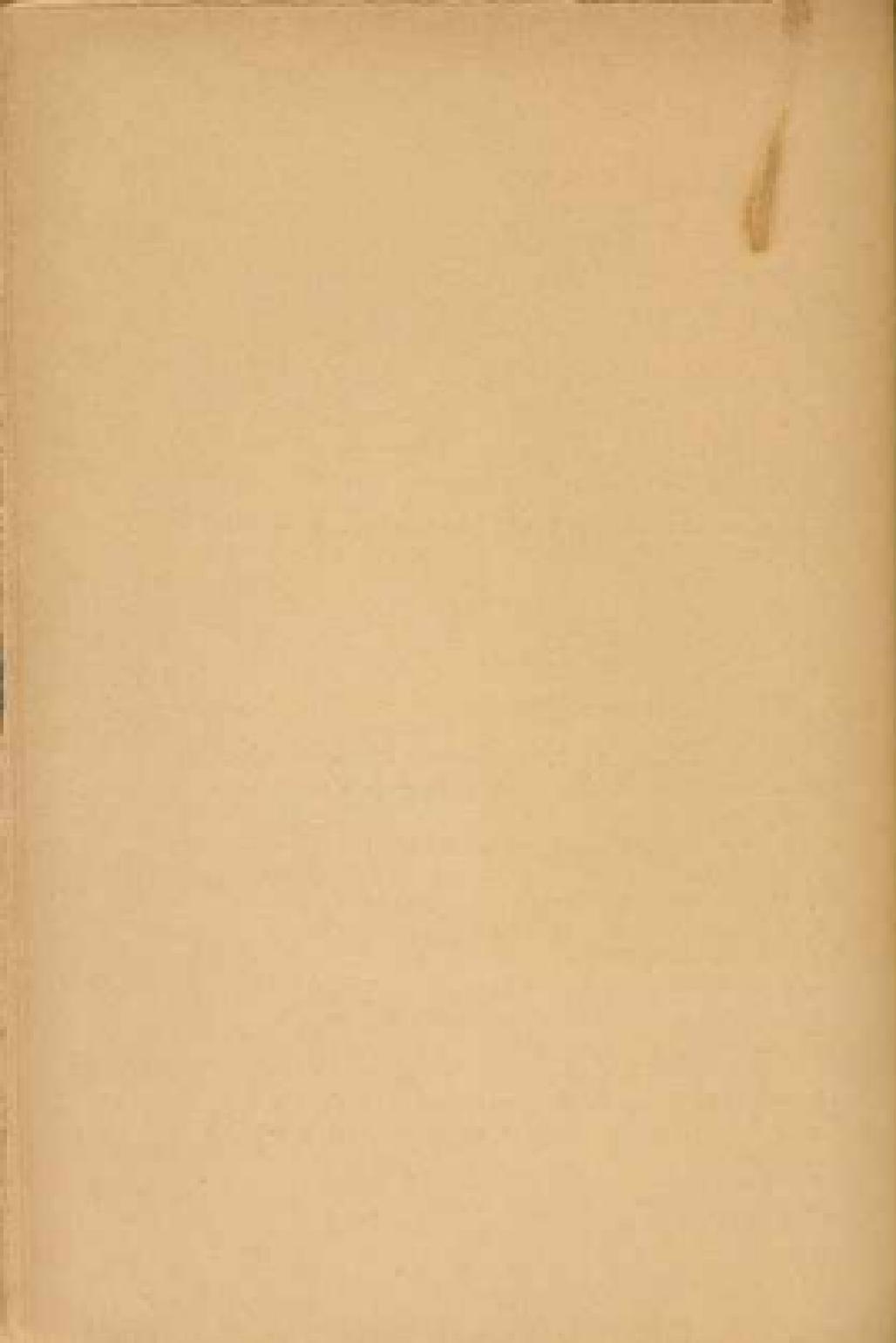
João, Alexandre e Isabel

JOÃO (*para D. Alexandre*) Senhor D. Alexandre, que nos perde a todos!

D. ALEXANDRE. Não! Cala-te! (*entra rapido na sala e, rapido a Isabel*) Isabel! Isabel! os teus juramentos?

ISABEL (*entrando na capella*) Espera!

FIM DO SEGUNDO ACTO



3.º ACTO

Sala em casa do Conde de Oeiras. Portas ao fundo e á direita. Á esquerda porta da capella, e junto d'ellá porta falsa. Mobilia da epocha : mesas, secretária, contador, etc.

SCENA I

Frei João e José de Carvalho

FR. JOÃO. Mas, vede bem, senhor José de Carvalho, que as razões da religião, 'nesta materia, podem menos do que as do amor.

JOSÉ. Confias pouco, frei João, na efficacia e persuasão de teus argumentos. Pois as promessas de outra vida de bemaventurança, as ameaças do sempiterno horror, do inferno, não serão armas invenciveis quando bem manejadas ?

FR. JOÃO. Ainda exercem influencias proveitosas, é certo; mas só nos espiritos fracos e doentios de algumas mulheres broncas e exageradamente beatas: na senhora D. Isabel produzirão contrario effeito. Aquelle espirito varonil só pode ser vencido de affeições: despertae-lh'as vós, com vosso procedimento delicado,

rogos e supplicas: fazei-lhe comprehender que a amaes, e vêde se podereis vir a ser amado.

José. Tudo isso tenho feito, e debalde sempre. Nem meios brandos, nem os fortes . . .

FR. JOÃO. Meios fortes! Oh! nunca! Bem se vê que não lembraes o prologo: *mulheres e fechaduras levam-se com geito*.

José. (*levemente exaltado*) Geito! Brandura! Acaso não é Isabel minha mulher?

FR. JOÃO. Isso é; mas como se o não fosse. É um caso singular . . .

José. Extraordinario; e preciso é que Fr. João se aviste com ella e a persuada com razões e argumentos.

FR. JOÃO. Farei a tentativa, senhor José de Carvalho; mas nada conseguirei. Parece haver um mysterio grande 'neste assumpto, que ninguem melhor do que vós poderá descobrir: o caso está em ser habil e destro, e eu creio que vos não faltam estes dotes . . .

José. Já os empreguei, esses dotes aconselhados, sem o minimo resultado, e estou resolvido a só lançar mão da força.

FR. JOÃO. Não, da força não: agua mole em pedra dura tanto dá até . . .

José. Até que se evapora, como em mim a paciencia. Frei João, isto não pode continuar. Se nada conseguireis, darei por terminado o combate por assedio e farei cair a praça por assalto.

FR. JOÃO. Não me agrada o plano . . .

José. É de meu pae em todos os seus actos.

FR. JOÃO. A ovelha mansa . . .

José. (*interrompendo-o*) Bem seí; porém a justiça branda faz o povo rebelde, e o caso pode ter applica-

çãO. Mas, ahí vem Isabel. Entremos para aqui. (*saem pela direita*).

SCENA II

Isabel, só

Começo a estar arrependida do passo que dei, começo; porque eu podia ter resistido e devia tel-o feito; não devia ter dado a mão de esposa a José de Carvalho, de quem não posso ser, a quem nunca pertencerei. Mas, Deos bem sabe que foi para salvar meu pae das iras de Sebastião José, do seu rancor e odio. (*suspendendo-se*) Porém, que digo eu, aqui, 'nesta casa que é d'elle e não minha? Nem eu sei o que digo ou faço, nem eu sei o que penso. (*assentando-se*) Que destino e sorte a minha! Que fim será o meu?

SCENA III

A mesma e Fr. João

FR. JOÃO. O de nós todos, senhora D. Isabel: animo, e coragem, e boa disposição de espirito para o cumprimento de vossos deveres, é o que precisaes. . .

ISABEL. Frei João! aqui! Acaso me espiará por ordem de alguém?

FR. JOÃO. Espiar! Nunca! Sabeis a intimidade que tenho côm o sr. marquez e as ordens que elle me dá para entrar por estas casas dentro, sem prevenir. Não esperava encontrar-vos aqui. . .

ISABEL (*desconfiada*) Assim será; e, pois nada que-

reis de mim, podeis ir entrando e deixar-me só. (*á parte*) Estes frades! Singular casta de gente!

FR. JOÃO. Verdadeiramente, nada quero de vós, minha senhora; mas alguma cousa para vós. As palavras de desanimo, o vosso. . .

ISABEL (*interrompendo-o*) Não vos comprehendo. . .

FR. JOÃO. Explico-me: andaes aprehensiva, e triste, e desgostosa, porque não quereis cumprir um dever, aliás de bem facil e agradável execução. . .

ISABEL (*com dignidade*) Basta! (*apontando-lhe uma porta do fundo*) Ide converter infieis.

FR. JOÃO. Senhora D. Jsabel, minha senhora, no caso vos julgo, e perdoae-me a rude franqueza. Vossa pertinacia é um crime perante Deos, perante as leis dos homens, que será punido do céo com as penas do inferno, com. . .

ISABEL. O Deos, que eu adoro, o Deos de meus paes e meu não é máo e vingativo, e punidor. Essa feição, que lhe daes é vossa, dos homens, que chegaes em vosso orgulho vanglorioso a crer-vos feitos á sua imagem e semelhança! Semelhança e imagem! como se vós, ou alguém o visse e o comprehendesse! Deos não se comprehende: admira-se em suas obras, respeita-se em todas as maravilhas da creação, no grão de area e na rocha escarpada: na perola d'orvalho e na vaga alterosa; no verme e na serpente, na abelha e no condor, nevoeiro e nuvem, relampago e raio, no proprio nada; porque o nada é tudo!

FR. JOÃO (*resistindo*) Mas, senhora D. Isabel. . .

ISABEL (*interrompendo-o*) Mas, Frei João, já vos disse que fosseis aos infieis.

FR. JOÃO. Porém. . .

ISABEL (*cortejando e saindo*) Clamae no deserto.

SCENA IV

Fr. João e José de Carvalho

JOSÉ (*vindo de onde estava*) Vês, frei João! Impossível é qualquer resultado satisfactorio. Não ha senão o emprego da força. . .

FR. JOÃO. Esse não, senhor José de Carvalho. O que podereis colher vós empregando a violencia? Um remorso permanente em troca de imperfeito goso, em satisfação de intimidade mal entendida. . .

JOSÉ. Cala-te, frade! E pois que tanto inhabil és em persuadir como em aconselhar, demos por concluida a missão que tinhas. (*sae*)

SCENA V

Fr. João, só

FR. JOÃO. (*indo após elle*) Mas, attenda senhor José Carvalho. (*sae tambem*)

SCENA VI

Isabel e Maria

MARIA. (*observando se é vista e ouvida*) Não sei se faz bem, senhora D. Isabel.

ISABEL. E és tu, que te dizes minha amiga, quem me vem pôr em dauida o meu proceder?!

MARIA. Desculpe-me senhora D. Isabel; mas que hei

de eu pensar ou dizer? O que ahi vae 'nesta casa assusta-me. Se a menina não tivesse casado, isso sim; mas depois de casada. . . O sr. marquez não faz senão indagar; desconfia de tudo e de todos. São ordens e mais ordens para lhe descobrir-mos e dizer-mos o nome do homem que serve de estorvo á felicidade do filho. Eu por mim, direi sempre que não sei e estou certissima que João não dirá nada.

ISABEL. Quem sabe! As ameaças, as promessas. . .

MARIA. Esteja descansada, menina Isabel, que João, pelo que tenho observado, não fallará, ainda que o matem. Eu não sei que odio tem elle ao sr. marquez muito reservado, occulto, que a pesar de o servir aparentemente, o que faz é contrarial-o em tudo, é trahil-o. E' meu marido, confia-me muitos segredos, mas a razão d'este odio que lhe tem, essa não diz elle a ninguém. Aquillo é segredo que nem de mim confia.

ISABEL. Mas, pode perder-se, Jesus! João e tu, que desde a minha infancia me acompanham sempre, são hoje 'nesta casa o meu amparo, as unicas pessoas com quem posso contar. Se, por uma desconfiança o marquez me separa de ambos, que hei-de eu fazer?

MARIA. Não receie nada. João é esperto, muito esperto, e vae-lhe dando uma no cravo outra na ferradura; mas vigiando sempre pela menina. O que, porém, me lembra é que não poderá prolongar-se muito este estado de cousas. A situação da menina é como eu nunca vi, e de um dia para outro pode fraquejar e. . .

ISABEL. Nunca! Morrerei, se quizerem; mas não pertencerei a José de Carvalho.

MARIA. Ai! menina; mas para que casou? Eu bem lhe disse sempre que não quizesse.

ISABEL. E se o marquez mandasse prender meu pae, e o matasse?

MARIA. Elle não pode mandar matar toda a gente.

ISABEL. Não pode? E a carnificina de Belem, essa enorme vergonha nacional? E as 180 victimas do Porto? E o pobre Gabriel Malagrida? Não pode! Oh! não me falles mais 'neste desgraçado casamento.

MARIA. Está bem, menina Isabel; não se zangue comigo, que eu não vim aqui para isso; mas para lhe dar uma boa noticia.

ISABEL. (*alegre*) Uma boa noticia! Qual é?

MARIA. E' que tenho aqui (*olhando em volta*) uma carta de . . .

ISABEL. Dá cá, dá cá depressa.

MARIA. Pois sim (*dando-lhe a carta*) mas não a leia a menina aqui: vá para o seu quarto.

ISABEL. Pois sim: vae tu indo para dentro que já vou.

MARIA. Olhe lá o que faz, menina Isabel.

ISABEL. Não tenhas receio, vae. (*Maria sae*)

SCENA VII

Isabel, só

ISABEL (*vendo a carta*) E' d'elle, do meu Alexandre. Mas, não será isto um crime? Não, não é, que perante Deos me considero solteira. (*para abrir e ler a carta*) Que vou eu fazer? Aqui? Logo a lerei. (*arrecada a carta e assenta-se com a cabeça apoiada na mão direita, e depois de breve pausa*) Nunca! Hei de luctar sempre! (*fitando o céu*) Virgem do céu, dae-me fortaleza!

SCENA VIII

Isabel e José de Carvalho

JOSÉ (*vindo de uma porta do fundo*) Pedes ao céu fortaleza! Para quê? minha Isabel? Para quê, meu anjo?

ISABEL (*voltando-se assustada*) José de Carvalho! . . .

JOSÉ. Fortaleza? Acaso a não terás em mim e em meu pae? minha esposa? (*beijando-lhe a mão*) Minha... (*largando-lhe a mão*):

ISABEL. (*triste*) Sim, vossa esposa, como quizeram que fosse perante os homens.

JOSÉ. Mas não diante de Deos. Oh! por piedade, Isabel! tem dó de mim, que treslouco, cego da paixão que me devora! cego do amor que te consagro! (*querendo abraçal-a*) Não prolongues este martyrio de ha mais de dois annos.

ISABEL (*repellindo-o nobremente*) Tenho compaixão de meu esposo; mas, Deos, o que vê nossos actos, o que lê em nossos corações, o que nos manda obedecer ou desobedecer implantou em meu peito sentimentos. . .

JOSÉ (*atalhando-a*) De obediencia e amor conjugal. (*levemente exaltado*) E é preciso obedecer.

ISABEL. Mande-me meu esposo e obedecer-lhe-hei.

JOSÉ. Mandar! Pois eu posso lá mandar que me dês o affecto que me negas? que me não recuses a retribuição do meu amor? Isto não se ordena: dá-se espontaneo, dá-se por dever, dá-se por dignidade e honra...

ISABEL (*baixo*) E' preciso acabar com isto. (*alto*) Por dignidade e honra vos não posso eu dar o meu amor. Não fui eu leal, franca, verdadeira, declarando-

vos logo depois do acto religioso, que só poderia ser vossa companheira como se fôra uma irmã? Fui.

JOSÉ DE CARVALHO. E' verdade; mas sem importancia considerarei taes palavras, crendo que o tempo, a convivencia de dia a dia vos faria pensar de contrario modo.

ISABEL. Não penso, nem creio que tal succeda.

JOSÉ DE CARVALHO (*começando a exaltar-se*) Mas devias ter feito tal declaração antes do casamento.

ISABEL. Não devia, que tal declaração fora intempes-
tiva e acarretaria sobre meu pae e sobre mim males
incalculáveis. Vosso pae queria, reparae bem, queria,
ordenava que eu fosse vossa esposa, e era preciso obe-
decer. Sou vossa esposa, mas não vossa mulher. Nada
mais posso dizer, e . . . deixae-me, deixae-me.

JOSÉ (*exaltado*) Que dizes, Isabel? Que dizes, mu-
lher?!

ISABEL. Que só posso ser a esposa convencional de
meu marido e . . .

JOSÉ. Mas os deveres contrahidos para com Deos?
Mas o laço religioso, que nos uniu? Mas o teu jura-
mento?

ISABEL. Juramento! Oh! sim, juramento! Deos sabe
se o respeito! . . .

JOSÉ. Logo, parece haver em teu peito um segredo,
um juramento, outro culto . . . talvez a imagem de
outro homem . . .

ISABEL. Não posso responder a meu marido. Já re-
peti o que disse ha dois annos.

JOSÉ (*exaltado*) E' então certo que mentiste aos ho-
mens e a Deos, dando-me a mão de esposa perante
o altar e negando-me o coração! ludibriando-me! . . .

ISABEL. Cumpri um dever, se bem, se mal o não

posso eu dizer, não sei. Obedeci a uma voz intima que me ordenou salvasse meu pae de um grande mal, da morte, talvez. . .

JOSÉ (*mais exaltado*) Oh! basta! E's minha esposa legitima, has de ser minha ou por bem, ou por. . .

ISABEL (*com muita dignidade*) Quererá meu marido violentar-me? (*ao fundo apparece o marquez de Pom- bal*).

JOSÉ. Has de ser minha! (*mudando de tom*) Isabel! Minha Isabel! Por Deos, pelo meu amor, por teu dever não me obrigues a empregar a força, não me obrigues a uma violencia impropria de nós ambos! Faze a minha felicidade.

ISABEL. Não devo, não posso.

JOSÉ (*exaltadissimo*) Devo e posso eu! Has de ser minha! (*corre rapido a Isabel, tentando tomal-a nos braços*).

ISABEL (*grito afflictivo*) Ah!

SCENA IX

Os mesmos e o marquez

MARQUEZ (*vindo para os dois quando José tenta tomar Isabel nos braços*) José de Carvalho! (*José afasta-se logo de Isabel*) Fraca victoria a que se ganha com taes armas! (*para Isabel*) Minha filha, singular é vosso procedimento! Caso extraordinario! Casastes com meu filho, sois sua legitima esposa, e consentis, e quereis o que mulher nenhuma não quiz em tempo algum, que o esposo empregue a violencia para colher a posse do que legitimamente é seu! Isabel! pensae um instante, acompanhae a vosso esposo em seus desejos e vonta-

des, como deveis. (*pensando e para o filho*) Sae: deixa-me só com tua esposa. (*José sae*)

SCENA X

Isabel e o Marquez

MARQUEZ. Isabel, minha filha, no vosso proceder ha um mysterio que não pude descobrir antes do consorcio com meu filho, e que agora se me apresenta indubitavel. Mal fizestes em não ser mais leal e mais franca. Se algum homem tinha promessas e juramentos vossos devieis oppor essas causas e não casar com meu filho. (*meigo*) Ora, pois, dizei-me quem é esse homem e acceitae as legitimas consequencias do vosso casamento. A esse homem empregarei no serviço de El-Rei em logar condigno, e não penseis mais 'nelle. Quem é?

ISABEL (*animada*) Não o direi nunca. Podia faltar á verdade dizendo que tal homem não existia, e a feia mentira desculpava-se e tinha justificação.

MARQUEZ. Nunca se pode justificar a mentira.

ISABEL. Pode, senhor marquez, como se justifica o meu procedimento casando com José de Carvalho para não ser sua mulher.

MARQUEZ (*mudando de aspecto*) Dizei como.

ISABEL (*corajosa*) Consenti que o não faça.

MARQUEZ. Haveis de fazer. É tão grave o assumpto que precisa ser esclarecido.

ISABEL (*á parte*) Valha-me o céu! (*alto*) Não o farei, nem violentada. . .

MARQUEZ (*sarcastico e de feio aspecto*) Quem falla aqui em violencias? Corajosa me pareceis!

ISABEL. Tenho, senhor marquez, a coragem da fraqueza, a de uma debil mulher.

MARQUEZ. Que teme violencias! onde essas violencias?

ISABEL. A uma obstastes, senhor meu pae e senhor marquez, e ha bem pouco tempo... Outras me podem ferir...

MARQUEZ. Excessos de paixão, e bem formidavel deve ser a de meu filho! Mas, dando-o por desculpado, dizei-me o nome d'esse homem e annui aos justos desejos de meu filho, ao cumprimento de vossos deveres. Vivamos todos felizes.

ISABEL. Senhor marquez: permitta V. Ex.^a que eu respeite a religião de meus juramentos: nem direi quem é esse homem, nem serei de vosso filho mais do que sua chamada esposa.

MARQUEZ (*grave e carrancudo*) Isabel! Vêde o que fazeis com essa pertinacia! Olhae que eu posso descobrir esse homem e desvial-o do caminho da ventura de meu filho, como vos posso indicar a vós o que não quereis seguir...

ISABEL. Promessas! Ameaças de violencias! Por Deos! que não comprehendo os homens!

MARQUEZ (*muito contrariado*) Pois hei de comprehender-me, como todos os obstinados. (*para sair*)

ISABEL (*afflicta e áparte*) Meu Deos! Que intenterá fazer este homem! (*alto*) Senhor marquez?...

MARQUEZ (*voltando*) Reconsideraes? Annuis?

ISABEL. Oh! por piedade! promovei a annullação d'este matrimonio! Não me obrigueis a resistir sempre e até á morte, se...

MARQUEZ (*interrompendo-a*) Até á morte! Quem falla aqui em morte? Não sabeis o que dizeis. Eu desco-

brirei em breve quem seja esse homem e com elle me
haverei. Vós... vós sois uma creança que quer im-
possiveis e falla em morte, sem o dever fazer.

ISABEL. Tudo, todos os males arrostarei, até a pro-
pria morte, se m'a ordenarem como...

MARQUEZ (*interrompendo-a*) Como?... Isabel, que
vos perdeis, com essas fallas! Dizei-me quem é esse
homem: ordeno-o! (*Isabel permanece muda*).

SCENA XI

Os mesmos e Fr. João

FR. JOÃO. Segundo as ordens de V. Ex.^a, cá vae
entrando frei João de Mansilha.

MARQUEZ. A tempo chegas, frade. Aconselha e per-
suade esta menina a cumprir seus deveres. (*tomando-o
à parte, e fallando-lhe ao ouvido, e saindo*)

SCENA XII

Isabel e Fr. João

ISABEL (*afflicta*) Que disse elle?

FR. JOÃO (*contrariado*) Disse... disse que vos aconselhasse... que...

ISABEL. Quero que diga a verdade, frei João. Frei João não deve mentir.

FR. JOÃO. Não devo, nem minto; o que faço é calar-me.

ISABEL. Haveis de fallar.

FR. JOÃO. É segredo que não posso revelar.

ISABEL (*forte*) Ah! quer matar-me como á marquee-

za de Tavora! (*exaltada*) Pois matará! Pois morrererei heroica e forte como ella!

FR. JOÃO (*assustado*) Callai-vos, menina! por piedade! que vos podem ouvir!

ISABEL (*mesma exaltação*) Que me importa! A elle proprio o direi eu.

FR. JOÃO. Lembrae-vos de vosso pae.

ISABEL. Ah! (*mudando de tom*) Meu pobre pae! Diz bem, frei João. Eu, que por elle me sacrifiquei, eu que por salvar sua liberdade e sua vida dei a mão de esposa a José de Carvalho, devo continuar a ser forte, devo, frei João.

FR. JOÃO. Sim, diz bem, senhora D. Isabel. E já que, sacrificando-se, lhe deu a mão de esposa, cumpre nada lhe negar. A esposa deve obediencia inteira e passiva a seu marido.

ISABEL. É outro meu marido, frei João. (*reparando no que disse*) Ai! o que disse eu! Não, não fre João, não é outro!

FR. JOÃO (*aproveitando*) Bem sabe, senhora D. Isabel, que este habito e o meu ministerio me impõem segredo e paz; dizei-me quem é o vosso escolhido que eu vos prometto. . .

ISABEL. Diria, sim, se não temera que o soubesse o marquez. Mas, para que sabel-o?

FR. JOÃO. Juro-vos. . .

ISABEL. Estas paredes devem ter ouvidos, esconderijos, portas secretas como na Inquisição. . . Mas, que importa saber quem é? (*abre-se uma porta falsa e nella se vê João*)

FR. JOÃO. Dizei-m'ò ao ouvido, que eu vos juro. . .

ISABEL (*quasi resolvida*) Juraes-me nada dizer? Juraes ajudar-me a escondel-o ás pesquizas do marquez?

FR. JOÃO. Juro.

ISABEL (*olhando em volta e indo para lhe dizer ao ouvido o nome de D. Alexandre.*) É...

SCENA XIII

Os mesmos, D. Alexandre e João

D. ALEXANDRE (*vestido de frade e saindo rapido da porta falsa, enquanto João se vae postar de sentinella ao fundo*) Ninguem!

ISABEL (*conhecendo-o e assustada*) Virgem do céu!
Foge, foge!

FR. JOÃO (*assustado*) D. Alexandre de Sou...

D. ALEXANDRE (*interrompendo-o*) Silencio!

ISABEL, Vae-te! Vae-te! por nós ambos!

D. ALEXANDRE. Sim, sairei já; mas não pronuncieis o meu nome; mas deixa-me, oh! deixa obter a certeza de tua constancia, meu anjo! minha vida! meu amor! Sáio já. Sou feliz. (*para frei João*) Frade! Silencio! Frade! (*tomando-lhe a cruz do escapulario e tirando do peito um punhal, que lhe põe em cima*) Jura-me rapido sobre estas cruces que guardarás absoluto segredo do que vês.

FR. JOÃO (*muito assustado*) Juro.

D. ALEXANDRE. Isabel! (*quer abraçal-a*) Adeos!

ISABEL (*afastando-se*) Adeos!

D. ALEXANDRE. Assim?

ISABEL. Sou casada.

JOÃO (*do fundo*) Já! (*sae*)

D. ALEXANDRE. Adeos! (*sae pela porta falsa, que se fecha*).

SCENA XIV

Isabel e Frei João

ISABEL (*caindo no canapê, cansada de tão contrarias luctas*) Meu Deos! Que sorte a minha!

FR. JOÃO. Já tudo percebo! Por isso frei Manoel me não dizia nada! Naturalmente foi obrigado a jurar segredo tambem sobre aquella cruz de aço, (que cruz!) Arma de assassinos, Jesus! (*reparando em Isabel*) Sentte-se mal, senhora D. Isabel?

ISABEL. Sinto, frei João. (*erguendo-se*) Vou para meus aposentos, e vós. . .

FR. JOÃO (*interrompendo-a*) Por Deos! ide descansada.

ISABEL. Tremo: dê-me o seu braço, frei João. (*acompanha-o até à porta do fundo, onde o larga*) Adeos!

SCENA XV

Fr. João, só

FR. JOÃO. Agora, sim, já conheço o segredo de frei Manoel! E o marquez com toda a sua esperteza sem descobrir nada! (*pensando*) Que grande serviço lhe prestaria eu se lhe dissesse quem era o sugeito. Nada, não digo, que o jurei a D. Alexandre e este era capaz de me matar, ou de o mandar fazer, que é audaz e atrevido. Ousar entrar aqui! E' verdade que o mordomo é quem lhe dá entrada. Se o marquez o soubesse! . . . E a tal menina, a senhora D. Isabel! Corajosa creatura! Mas, ai! d'ella! . . .

SCENA XVI

O mesmo e o Marquez

MARQUEZ (*depois de verificar que Isabel saira*) Conseguiste alguma cousa, frei João?

FR. JOÃO. Isso sim! A menina é de rija tempera: não conheço outra.

MARQUEZ. É de rija tempera, dizes? Ha mais fortes animos, e eu lh'o mostrarei.

FR. JOÃO. Senhor marquez, mas o vosso plano é tenebroso e... depois do passado...

MARQUEZ (*mau aspecto*) Fr. João! Fr. João!

FR. JOÃO (*assustado*) Perdão! O credito de vosso nome...

MARQUEZ. Augmenta com medidas energicas. Tenho agrilhoada essa velha *fidalgaria*, subjugada a Companhia de Jesus, com mordança a Inquisição e pouco mais falta. São por mim as classes médias, as industriaes, as que tem força. Isabel de Sousa... Mas, não temas: outro projecto já tenho; que o de que te fallei não servia a meus fins: desappareceria com ella a sua grande casa, que preciso é seja de meu filho. Nada conseguiram teus conselhos; pois bem: entrará quanto antes num convento dos mais austeros, e veremos se os jejuns, as resas forçadas e os cilicios a demovem. Se nem assim quizer ser de meu filho, então se procederá de outro modo... E preciso é tambem que seja breve, não venha por ahi D. Vicente de Sousa crear embaraços e difficuldades, pois que, ha tempo já, pediu licença para sair de Paris e vir ao reino. Frade, indaga-me de prompto qual será um convento de aspera regra, longe da capital, ou mesmo ahi...

FR. JOÃO. Porém . . .

MARQUEZ (*acenando-lhe para a porta*) Vae.

SCENA XVII

Marquez, só.

Zombar de mim uma mulher! Vencer-me! Não pode ser e não ha de ser. Mas, a Inquisição . . . (*pensando*) Sim, a Inquisição pode descobrir-me este homem: para estes serviços a conservo ainda. Porém . . . (*resoluto*) Vou mandar chamar a Paulo de Carvalho, ao Inquisidor, meu irmão. (*Dispõe-se a escrever*)

SCENA XVIII

O mesmo e a Marqueza

MARQUEZA. Estás só?

MARQUEZ. Não; estou acompanhado da contrariedade.

MARQUEZA. Meu marido não as costuma ter!

MARQUEZ. Sou contrariado por uma mulher, por uma creança, por Isabel.

MARQUEZA. Por Isabel!

MARQUEZ. Por ella, sim, que não posso domar, porque é nossa filha.

MARQUEZA. Mas, em que? Pois Isabel, para mim tão meiga e docil poderá contrariar-te a tal ponto? Dize...

MARQUEZ. Nosso filho José ainda te não disse nada?

MARQUEZA. Nosso filho?! Não.

MARQUEZ. Explica-se, e é natural: são conversações d'homens.

MARQUEZA. Conversações d'homens, por causa de mulheres, visto que Isabel te contrariá.

MARQUEZ. A mim, sim, e mais ainda a teu filho José.

MARQUEZA. Não posso fazer idéa nenhuma da causa; mas, se me fôr dado conhecê-la poderei influir no animo d'ella, e . . .

MARQUEZ (*como aproveitando*). Sim, poderá ser que alguma cousa consigas, que nem eu, nem Fr. João, nem o marido a persuadimos. . .

MARQUEZA. A que?

MARQUEZ. A ser mulher de teu filho.

MARQUEZA (*cabisbaixa*). E' singular! . . . (*cabeça erguida*) E só agora se tem conhecimento do caso, ou já o sabes ha muito? E' assombroso!

MARQUEZ. Ha dois dias o sei eu; Fr. João, ha mezes. Busca-a tu, Leonor, e tratem o assumpto, como quem, melhor do que nós, o pode fazer.

MARQUEZA (*pensando*) Mas são volvidos mais de dois annos! . . . Uma obstinação assim, tem causa grave, que não poderei remover. Entretanto, buscal-a-hei e trataremos o assumpto, se isto é da tua vontade.

MARQUEZ. E' e sem demora; porque. . . tenho umas idéas a respeito d'ella que. . .

MARQUEZA (*Assustada*) D'ella!

MARQUEZ (*grave e auctoritario*) Busca-a e persuade-a. (*aponta-lhe a porta*)

MARQUEZA. Eu vou. (*sae*)

SCENA XIX

O marquez e José de Carvalho

JOSÉ (*entrando apressado com um papel meio queimado na mão*) Surprehenhi Isabel a queimar este papel, obstei, e penso que tudo saberemos.

MARQUEZ. Deixa ver (*tomando o papel e lendo*) Teu pae . . . animo . . . coração e um A. (*fallando desanimado*) Nada podemos saber senão que Isabel tem 'nesta casa quem lhe traga missivas! Temos ahi um traidor qualquer na criadagem! (*exaltado*) E' preciso inquirir a todos e sem demora.

JOSÉ. Se conhecessemos a lettra . . .

MARQUEZ. Qual conhecer! Tres palavras meio queimadas e uma inicial. Ai! de quem fôr o culpado! (*sae rapido, seguido do filho*)

SCENA XX

Isabel, só

ISABEL (*vendo a sala e observando se será seguida*) Perdida! Estou perdida para Alexandre e para mim! Fatal momento foi aquelle em que meu esposo me surprehenheu a queimar a carta de Alexandre. (*senta-se e permanece silenciosa alguns segundos com a cabeça apoiada nas mãos*) Mas, que importa! (*varonil e forte*) Não lograrão a victoria. Querem matar-me o corpo, mas não meu coração que irá para o seio de Deos com a imagem de Alexandre, do meu primeiro e unico amor, como relicario purissimo de santas affeições, que são d'elle, do céo que nol-as deu. (*erguendo-se exulta-*

da) Dar eu a outro homem affeições impossiveis, por falsissimas! Nunca! E querem isto os homens! E ha quem se julgue feliz com a posse de uma victima debil e inconsciente! Oh! mas nem esse prazer terão! Não! porque prefiro a morte, prefiro a ventura alem do tumulto, se a pode haver. Pode, sim, que m'ó diz a razão: existe a ventura alem da morte, longe dos homens perfidos, dos prepotentes e despotas.

SCENA XXI

A mesma e o Marquez

MARQUEZ (*que ouviu as ultimas palavras*) E junto d'elles tambem. (*severo e grave*) Venho dizer a minha filha que, pois não quer cumprir o seu dever, cumprirei eu o meu.

ISABEL (*resoluta*) Não faltei a deveres, e . . .

MARQUEZ (*interrompendo-a*) Faltaes aos de esposa.

ISABEL. Não casei para ser mulher de José de Carvalho, de vosso filho: casei para salvar meu pae, casei amedrontada, coagida . . .

MARQUEZ (*exaltado*) Quem ameaçava vosso pae ou o queria perder?

ISABEL (*exaltada tambem*) Quem? perguntaes-m'ó! Quem tem podido escarnecer de Deos e zombar dos homens; quem tem tido força para matar a seus semelhantes em praças publicas, nas forcas, nas cadeias, nas masmorras do estado.

MARQUEZ (*forte*) D. Isabel! Ao romper do dia de amanhã estareis prompta para sair d'esta casa!

ISABEL. Sair! E para onde?

MARQUEZ. Disse. (*para sair*)

ISABEL (*forte*) Ah! para a morte! sim, como a mar-
queza de Tavora!

SCENA XXII

Os mesmos e D. Vicente

D. VICENTE (*que deve ter apparecido ao fundo pouco
antes*) Não, filha! Para mim! (*Isabel corre a se lhe lan-
çar nos braços.*)

FIM DO TERCEIRO ACTO

4.º ACTO

Egreja do Convento do Calvario, em Evora: porta ao fundo, a da rua e da igreja: á direita do espectador as grades dos côros de baixo e de cima, e á esquerda um altar com a imagem da Virgem junto ao arco da capella-mór. Á esquerda o arco. É noite ainda, scena vasia. Ouve-se o cantar das freiras.

SCENA I

D. Alexandre e as Freiras

FREIRAS (*cantando*) Regina caeli, laetare, alleluia;

D. ALEXANDRE (*fora cantando*)

Por allivio buscar a pesares
Estas vastas campinas andei,
Como o nauta perdido nos mares,
Té que alfim 'neste porto varej;

FREIRAS (*cantando*) Quia quem meruisti portare, alleluia;

D. ALEXANDRE (*fora*)

Densas trevas da noite sombria,
Dentro em breve fugidas serão;
Surja, pois, em meu peito a alegria,
Rompa a aurora no meu coração;

FREIRAS (*idem*) Resurrexit sicut dixit, alleluia. Ora
pro nobis Deum, alleluia.

D. ALEXANDRE (*fora*)

Appareça sequer um momento,
Mostre a facê de triste palor,
Seja o astro que affaste o tormento
D'este pobre romeiro d'amor.

SCENA II

João, (*sacristão do convento*)

JOÃO (*vindo da capella-mór*). Se eu pudesse fallar á
menina Isabel (*olha para o côro cujas velas se devem
ter apagado*) Se eu pudesse dizer-lhe que chegou a
Evora o sr. D. Alexandre de Sousa! Ouviria ella a
sua voz? Pobre moço! Eu podia dar-lhe entrada pela
porta da sacristia, como de outras vezes; mas a ab-
badessa está comprada pelo saião de Belem, não sabe
quem eu sou, não suspeita que o novo sacristão do
seu convento seja um creado da menina Isabel, e mui-
to menos que a creada Maria seja a mesma que a me-
nina teve em Lisboa, e ainda muito menos suspeitará
que ella é minha mulher. Casou commigo para viver-
mos separados; mas, isto hade acabar brevemente e
de vez, porque já se trata em Lisboa da annullação do
matrimonio da menina Isabel. (*espreitando o côro*) Não
vejo ninguem. Se ao menos eu pudesse fallar a minha
mulher. . . (*olhando o côro onde se deve ver um vulto
e uma luz*) Será a menina? Se fôr ella ha de fallar-me;
dou-lhe signal (*tosse*)

SCENA III

O mesmo e Isabel no côro

ISABEL (*junto às grades*) João, João? És tu?

JOÃO. Sou, sim, menina; pois quem estaria de madrugada na igreja com a porta ainda fechada, se não eu? Tenho uma nova para lhe dar.

ISABEL. Sim! confirma, confirma as minhas suspeitas. Ouvi agora cantar na rua a uma voz. . .

JOÃO. Que lhe pareceu a de D. Alexandre; aposto que sim.

ISABEL. É verdade, pareceu, e diz-me o coração jubiloso que D. Alexandre está perto de mim outra vez.

JOÃO. Pois é verdade, está; porém. . .

ISABEL. Tens receio de o deixar entrar. Oh! não tenhas, não. As freiras recolheram-se depois de Completas e a Abbadessa está incommodada de saúde. Abre-lhe a porta, que eu já vou com a Maria.

JOÃO (*assustado*) Sinto abrir uma porta. . . o que será? Retire-se, menina, que se não suspeite. . .

ISABEL. Apago a luz: vê quem seja.

JOÃO (*com ares beatos segue para o lado direito, como quem vai para a capella, quando de repente*) Oh! Maria! Minha mulher!

SCENA IV

Os mesmos e Maria

MARIA (*vindo da capella môr*) Schio! (*signal de silencio*) Nada de exclamações (*para o côro*) O menina, está ahí?

ISABEL. Estou.

MARIA. Antecipei-me, porque tambem ouvi a voz do senhor D. Alexandre. Ainda bem, que ahí está. Vem a vê-lo depressa, antes que rompa o dia e se abra a porta da igreja.

ISABEL. Não me verá alguém?

MARIA. Deitaram-se as freiras, bem sabe: está tudo deserto e silencioso.

ISABEL. Lá vou já.

SCENA V

João e Maria

JOÃO (*estendendo-lhe os braços*) Oh! minha mulher!

MARIA (*interrompendo-o e desviando-se*) Que peccado! Jesus dos céos!

JOÃO. Ó minha prenda linda, pois quererás tu ser como a menina Isabel? Quererás tu fazer-me a mesma pirraça que ella tem feito ao marido?

MARIA. Schio! Isso não se diz aqui, na igreja, na presença dos santos...

JOÃO. Ó filha, mas os santos tambem foram homens antes de o ser, e as santas... e os frades e as freiras...

MARIA. Calle-se, que está fazendo peccados feios.

JOÃO. Feios?! Então não os haverá mais feios?

MARIA (*risonha*) Não. Calla-te e está quietinho que eu...

JOÃO. Oh! ventura!

MARIA. Já, já abrir a porta ao sr. D. Alexandre.

JOÃO (*obedecendo, e já da porta*) Não te esqueças... de mim.

MARIA. Schio! (*signal de silencio*)

SCENA VI

Maria, Isabel e logo D. Alexandre vestido de romeiro

MARIA. Coitado! Tenho dó d'elle, que me saiu bom homem e muito meu amigo. Mas... Até se compara a José de Carvalho, e sem razão; porque lá o que tem feito a menina Isabel não era eu capaz de fazer... lá isso, não...

ISABEL (*vindo da esquerda, apressada*) Maria! Maria! que é do meu Alexandre?

MARIA (*risonha e avistando a D. Alexandre na porta da sacristia*) Olhe. (*aponta*)

ISABEL. D. Alexandre!

ALEXANDRE. Isabel! (*correm e abraçam-se*)

ISABEL (*destacando rapida*) Não será isto um peccado, um crime, aqui?

ALEXANDRE. Não. O amplexo não pode ser um crime, um peccado.

ISABEL. O lugar onde estamos...

MARIA. Sim, um lugar sagrado...

D. ALEXANDRE. Permittisse a verdade que nunca outros crimes ou peccados se hajam commettido 'nestas casas! Onde o crime 'num abraço? 'nesta effusão de dois corações amantes? Crime! Peccado! não direi 'nesta casa, que é modelo de austeros costumes, mas 'noutras de diversas ordens! Oh! meu Deos! treme! foge de conhecer que de crimes, mesmo crimes 'nellas se tem perpetrado, minha Isabel! Essas idéas exageradas de crimes e peccados são falsas, são dos mãos padres, dos hypocritas. Mas, não é logar para estas

cousas este onde estamos. Venho ver-te outra vez, minha pomba linda, venho trazer-te a boa nova de que já está em juizo a dissolução do teu nullo matrimonio, e de que em breve serás livre, livre para seres minha á face de Deos e dos homens.

MARIA. Já se viram e se abraçaram: agora devo lembrar que se não pode prolongar este colloquio; porque a manhã vem rompendo e tem de se abrir aquella porta.

ISABEL. Já!

ALEXANDRE. E' forçoso, é, por nossas vidas; que se o marquez chega a saber d'estes amores manda-nos envenenar a ambos. E então a mim! Matava o filho como fizera ao pae. . . Devo sair, e logo voltarei de dia. Com este disfarce ninguem dará por um romeiro que vem ouvir missa. Devo tambem prevenir-te, formosa minha, que o marquez expedio dois frades de sua confiança para Evora, Fr. João e Fr. Manoel de S. Boaventura, para tentarem um ultimo esforço á tua constancia admiravel, á tua heroicidade. Isto digo, não porque receie da tua falta de coragem; mas por conheceres o facto e te precaveres. Partiram depois de mim, e já ahí devem estar.

ISABEL. Oh! podes estar seguro, meu Alexandre, que venham quantos frades vierem, todos, se quizerem vir, que todos me acharão inabalavel em meu proposito. Quem, como eu, tanto soffreu no mosteiro de Santa Joanna, em Lisboa, onde a Priorosa, soror Maria Magdalena de Mendonça, irmã do marquez, me expoz a soffrimentos grandes, a privações de toda a especie para me vencer, não teme a dois frades, um bronco, outro pouco menos d'isso. Não, meu Alexandre, confia no meu purissimo amor e deixa que esse homem, e

se monstro, empregue contra mim todos os meios despoticos e persuasivos de que se lembre.

ALEXANDRE. Isabel creio em ti como creio em Deos que te deu essa alma varonil, admiravel, para mostrares a um prepotente que pode ser vencido de uma fraca mulher. A constancia, porém, vacilla e desaba algumas vezes do seu pedestal altivo, forçada dos tormentos, dos máos tratos, do. . .

ISABEL. Não! nunca, e agora menos, depois que estou 'nesta casa de boas e santas mulheres, onde me querem muito e me tratam como se fôra filha de todas ellas. Já aqui não tenho a felina Priora de Santa Joanna, que até me teve a pão e agoa, e. . .

D. ALEXANDRE. Miseravel irmã de um despota! . . .

ISABEL. Ordens apertadas tem elle mandado para cá; mas 'nesta casa não se maltrata ninguem: ganha-se aqui o céo por justos e santos caminhos.

MARIA. Não se demorem mais.

ISABEL. Sim, sim, melhor é que se não suspeite, que se não saiba que tu aqui vieste.

SCENA VII

Os mesmos e João

JOÃO (*vestido de sobrepeliz*) Não se podem demorar mais: é dia, e não tarda por ahi o padre Malaquias para dizer a missa d'alva (*aclara a scena e owem-se trindades no convento*) Ouvis? Já estão despertas as freiras.

MARIA. De pressa.

ALEXANDRE. Até logo. (*abraça Isabel e saem, Alexandre pelo arco da capella mór e Isabel por onde viera*).

João (*para Maria*) Não me abraças também? Não é peccado.

MARIA (*saindo por onde Isabel*) Não.

João. Não te esqueças ao menos. . . de mim.

SCENA VIII

João, só

João. Ahi vão duas casadas sem homens: uma por que quer, outra porque não quer! Sempre faço uma bonita figura! Mas, não tem duvida, mulato da Matta Escura, que as pagarás todas juntas. D. José não ha de ser eterno, e depois. . . Entretanto para que estou eu aqui a taramellar se me podem ouvir as freiras? (*olhando o côro*) Parece-me que não está lá nenhuma. Vou abrir a porta. (*abre a porta da igreja*)

SCENA IX

Os mesmos e o padre Malaquias, e pessoas
que vem ouvir missa

João. Muito bom dia, senhor padre Malaquias.

PADRE MALAQUIAS. Bons dias. (*vendo o relogio*) Demoraste um pouco este abrir da porta. . .

João. Desculpe, senhor padre Malaquias: é que me deu o sòmno.

PADRE MALAQUIAS. Quem tem amores de Deos não dorme. (*ajoelha nos degraus da capella mór, ora, e entra nella. Tem entrado diversas pessoas e entre ellas o Marquez de Pombal, disfarçado, envolto em capa, que ajoelha, e depois de breve espaço entra na capella mór.*)

SCENA X

Os mesmos, Frei João e Frei Manoel, que entram
e fazem breve oração

JOÃO. Vou accender as velas. (*accende as do altar lateral*) Parece-me que temos hoje grandes acontecimentos aqui. Dois frades vindos de Lisboa! Forte tempo perdido! A menina está na mesma firmeza... muito esperto é o marquez! Os frades enganam-no, especialmente depois que sabem... mas, nada de tagarellices. (*vae para o lado da capella mór sem ter visto aos frades*).

FR. JOÃO. Parece-me que é muito cedo.

FR. MANOEL. Tambem a mim; mas, esperemos algum tempo; já agora é melhor deixar levantar as freiras, mandar-lhe aviso á Abbadessa e termos a conferencia com D. Isabel antes d'almoço: vossa Paternidade, ás vezes, não discursa tão bem depois de almoço.

FR. JOÃO. Irmão, essas palavras parecem-me uma censura e eu não vol-a mereço.

FR. MANOEL. Não é, não, é lembrar-vos uma verdade que tão mal se coaduna com vosso saber... e talento...

FR. JOÃO (*beatifico*) Seja tudo pelo divino amor de Deos!

FR. MANOEL. A nossa vinda de nada servirá, diz-m'ó o coração: melhor teria andado o marquez se viesse elle proprio, como lembrou, e eu lh'ó aconselhei.

FR. JOÃO. Poupava-nos á estafa por essas charnecas, e ao desgosto de nada fazermos. Eu conheço bem a D. Isabel. Já luctei com ella e fui vencido. Aquillo

não é mulher! O marquez sente-se velho e por isso não veio; temeu a jornada.

FR. MANOEL. Parece-me entretanto conveniente que ordenemos ambos este ultimo assalto.

FR. JOÃO. Concordo. Este caso de D. Isabel é dos mais singulares que conheço: ha mais de oito annos que casou e é como se o não tivesse feito! Matrimonio não consummado é nullo, como sabeis, sem que preciso seja lembrar-vos graves auctores, como Sanches, Palão e outros.

FR. MANOEL. Não ha duvida sobre isso. O que precisamos é convencer D. Isabel de que proteste e jure não haver contrahido o matrimonio, *ob metum mortis*, como está demonstrado o fizera, receiando que o marquez lhe prendesse e mandasse matar o pae. Se o conseguirmos, aconselharemos depois ao marquez a brandura, de novo a coabitacão, em que José de Carvalho se deva mostrar habil para tornar o matrimonio rato e consummado, e não ser dissolvido.

FR. JOÃO. A dissoluçãõ será inevitavel se os dois obstinarem em dizer que o não consummaram. D. Isabel persiste. . .

FR. MANOEL. Pois é preciso que não persista: lembro para o combate, empregar eu as armas da persuasão e as do conselho, e vós as do medo, fazendo-lhe crer que o marquez se vingará no pae, fallar-lhe no inferno. . .

FR. JOÃO. Isso faremos; mas, se ella teimar, como antevejo?

FR. MANOEL. Será 'nesse caso dissolvido o matrimonio.

FR. JOÃO. Ainda teremos outro meio de que lançar mão para o evitar: como não basta a confissãõ dos

dois sobre o facto, e é precisa uma *inspectio matronarum*, faremos com que essas mulheres digam o contrario do que virem. . .

FR. MANOEL. Isso não: opponho-me á fraude. As mulheres são voluveis, e bem conheceis aquillo do Glossario: *Quid levius fumo? Flamen. Quid flamine? Ventus. Quid vento? Mulier. . .*

FR. JOÃO (*completando*) *Quid muliere? Nihil*, bem sei.

FR. MANOEL. Então dirijamos o assalto 'nesse sentido. (*ouve-se tocar a santos*)

FR. JOÃO. Ajoelhemos (*ajoelham e logo erguidos*)

FR. MANOEL. Lembro-me porém, que só se opporá á nossa victoria o amor que ella tem a D. Alexandre, como vos contei, e que. . .

FR. JOÃO (*interrompendo-o*) É verdade; mas não fallemos aqui 'nesse nome. D. Alexandre ha de ter sido bastante cauto para não ter vindo a Evora, arriscando-se a ser colhido nas mãos do marquez, que, pelo principio do *sublata causa cessat effectus*, se desfaria d'elle.

FR. MANOEL. Assim o penso; entretanto os amantes teem artes diabolicas de enganar a todos, como elle teve a de se servir do meu habito e de me coagir a callar semelhante acontecimento, como tambem sabeis.

MARQUEZ (*deitando a cabeça ao arco da capella mór, e baixo*) Dois traidores!

FR. JOÃO. D'essa vez não foi elle o astuto, mas o mordomo de D. Vicente. A proposito: o que será feito d'elle, que já lá não está em casa dos paes de D. Isabel? Sabeis alguma cousa?

FR. MANOEL. Eu, não. D. Vicente de Sousa tem bons amigos na alta sociedade, com o que pode con-

seguir diversos fins. Não vos lembraes como elle alcançava saber pelo tal mordomo o que se passava em casa do marquez, acreditando este que o tinha por seu espião?

MARQUEZ (*como acima e baixo*) Outro traidor! colhi-os todos.

SCENA XI

Os mesmos e João, que desce da capella mór
com uma bolsa na mão

JOÃO. Esmola para as bemditas almas. (*reparando nos frades e indo para elles sem os conhecer*) Esmola... (*erguendo o rosto para Frei Manoel e conhecendo-o*) Que vejo? Frei Manoel! (*attentando no outro*) E vós, Frei João!

FR. MANOEL. O mordomo!

FR. JOÃO. João Pancrácio!

JOÃO. Silencio, meus senhores! que ninguem me conhece aqui, e lembro-vos (*para Frei Manoel*) o juramento que prestastes a D. Alexandre e a mim. Que vindes aqui fazer?

FR. MANOEL. Vimos por ordem do marquez de Pom- bal tentar uma ultima vez. . .

JOÃO. Ultima! diz vossa Paternidade?

FR. JOÃO. Ultima, sim; porque o marquez começa a ver a possibilidade de se annullar este matrimonio. Se D. Isabel teimar. . .

JOÃO (*áparte*) Sempre é certo o que affirmou D. Alexandre! (*alto*) Teima, teima, se teima! (*áparte*) Oh! que gaudio! (*alto*) E dizei-me cá; meus senhores, o marquez ainda não suspeitou de D. Alexandre?

FR. MANOEL. Nada sabe, porque eu e frei João o não dizemos.

JOÃO. Frei João! (*o padre Malaquias e o publico que viera á missa começa a sair, menos o marquez de Pom-bal, que fica na capella-mór*).

FR. MANOEL. Sabe-o; mas não ha perigo.

JOÃO (*inquirindo*) Vêde lá isso, que hoje, longe da capital, perto da Hespanha. . . se D. Alexandre suspeitasse ao menos que. . .

FR. MANOEL. D. Alexandre! Que quereis dizer falando 'nelle por esse modo?

JOÃO. Que. . . (*indo para a porta da egreja por dis-farçar, e olhando o côro*) Esmola para as bemditas al-mas. (*vem aos frades*)

FR. JOÃO. Que?

JOÃO. Que vos matava. (*accena como quem crava punhal*).

FR. MANOEL. Credo!

FR. JOÃO. Vade retro Satan! (*o publico que viera á missa tem saído e com elle João, que, depois de apagar as velas, vae para a sacristia*).

SCENA XII

Os mesmos e D. Alexandre, que chegou á porta do fundo e ouviu as ultimas palavras de uns e outros

D. ALEXANDRE. Não o duvideis. (*vae entre os dois e mostra-lhes um punhal, que rapido esconde*)

FR. MANOEL. Céos!

FR. JOSÉ. Abrenuntio!

D. ALEXANDRE (*risonho*) Vamos! Não se assustem vossas Paternidades. Um romeiro que atravessa a pé

este Alemtejo precisa de tal companhia. São desertos... ha malfeitores...

FR. MANOEL. Juro, senhor D. Alexandre, que ninguem sabe se não...

FR. JOÃO. Confirmo que só eu... mas... (*accena como quem põe ponto em bocca*)

D. ALEXANDRE. Ninguem, se não vós? Digam-me: o que os trás a esta cidade, e a este convento?

FR. MANOEL (*humilde*) Uma ultima tentativa, uma ultima missão do sr. marquez de Pombal perante a senhora D. Isabel, a fim de...

D. ALEXANDRE. A fim de nada, senhores frades. Isabel é só minha e minha será. Ide dizer isto ao marquez.

MARQUEZ (*do arco da capella-mór*) Já o sabe...

FR. JOÃO. Deos nos desvie de tal! Era logo... (*acciona como degolando*) Cghou!...

FR. MANOEL. Senhor D. Alexandre, por Deos! consenti que *pro forma* fallemos a D. Isabel. Bem sabeis que não podemos faltar ao marquez nem brincar com elle, tanto mais que parece andar desconfiado de nós, por lhe não termos descoberto a causa da teimosia de D. Isabel.

D. ALEXANDRE. Ide dizer-lhe a Lisboa que lhe fallastes e que ella se mantem inabalavel.

FR. MANOEL. E' mentira, senhor D. Alexandre, e eu não falto á verdade.

D. ALEXANDRE. E faltaes com ella ao marquez! Com que então por modo nenhum?

FR. MANOEL. Por modo nenhum.

FR. JOÃO. *Non potest*...

D. ALEXANDRE. (*interrompendo-o*) Frade! (*para frei Manoel*) Haveis de faltar.

FR. MANOEL. Eu!

D. ALEXANDRE. Exactamente.

FR. MANOEL. Porém, como?

SCENA XIII

Os mesmos e o Marquez de Pombal

MARQUEZ (*vindo a elles*) Não faltando.

D. ALEXANDRE. O Marquez aqui!

FR. MANOEL. O Marquez!

FR. JOÃO. Estamos perdidos!...

MARQUEZ. Ha tempos suspeitava eu deste mancebo, e da pouca boa vontade d'estes frades. Bem certo é o dictado: quem quer, vae, quem não quer, manda — e bem fiz em vir eu proprio a Evora por me certificar d'estas suspeitas. D. Alexandre de Sousa fica sob minha custodia, e vós, inuteis frades, buscae sem demora a Abbadessa d'este convento e dizei-lhe da minha parte que avise a D. Isabel para me acompanhar quanto antes a Lisboa.

ALEXANDRE (*animoso para os frades*) É inutil semelhante aviso. (*para o Marquez de Pombal*) O senhor Marquez de Pombal chegou tarde, e nada tem que fazer aqui. Isabel de Sousa é minha amada e será minha esposa.

MARQUEZ (*grave*) Ordeno a Alexandre de Sousa Holstein que nem mais uma palavra solte. (*para os frades*) Ide avisar minha filha para me acompanhar sem demora á capital.

D. ALEXANDRE (*começando a exaltar-se*) Repito ser inutil esse aviso: Isabel não irá e eu não obedecerei ás ordens do...

MARQUEZ (*forte, e crescendo para D. Alexandre*) Alexandre de Sousa, que vos perdeis!

ALEXANDRE (*sarcastico*) Engana-se o sr. Sebastião José! Deos escreve muitas vezes direito por linhas tortas. A perda de meu pae, morto innocentemente, poderá ser hoje vingada do filho na pessoa do prepotente, do assassino d'aquelle martyr.

MARQUEZ. Ameaças-me? Creança louca, que nem medis o abysmo que cavaes com essas fallas!... (*forte*) Olá! homens de minha guarda! (*apparecem ao fundo alguns embuçados*) Prendei e amarrae a este fidalgo!

D. ALEXANDRE (*forte*) Mato ao primeiro que se aproximar!

MARQUEZ (*forte*) Prendei-o!

D. ALEXANDRE (*arrancando do peito um punhal*) Mato ao que der um passo para mim! (*para o Marquez*) ou vos cravo a vós!

MARQUEZ (*mão na espada*) Prendei-o, valentes!

D. ALEXANDRE. (*arremecendo o punhal*) Mudei de parecer, (*sarcastico*) senhor Sebastião José. Tenho melhor arma para me defender e me vingar, vingando a meu pae. (*para tirar do bolso um papel.*)

SCENA XIV

Os mesmos e um Postilhão, que chega a cavallo
e se apeia na rua

POSTILHÃO (*entrando apressado*) É esta a igreja do Calvario? Está aqui o senhor marquez de Pombal? (*vendo-o e caminhando elle*) Senhor Marquez, um aviso do senhor Ayres de Sá e Mello. (*dá-lhe uma carta*)

MARQUEZ (*tomando-o apressado e depois de ler*) Será

possível! . . . Mas, Sua Magestade estava bom ha tres dias . . .

D. ALEXANDRE. E agora está gravemente enfermo, se não estiver morto. Não foi precisa a minha noticia. Salve-se (*apontando a porta da egreja*) o ministro cruel, o despota infamado, antes que a ira dos homens antecipe a vingança dos céos! que não serei eu quem manche minhas mãos na punição de um monstro! . . .

MARQUEZ (*para os embuçados*) Prestes a minha sege! Mudas em Montemór e Pegões! (*para D. Alexandre*) E nós, Alexandre de Sousa, até breve! (*para os frades*) Frades, acabou vossa missão: buscae a capital e procurae-me, que temos de saldar contas. Isabel de Sousa está a bom recado, e d'este senhor, não fallemos. A Inquisição, que m'ò descobriu, o tomará a seu paternal cuidado. (*Lançando a luneta a D. Alexandre e aprumando-se magestoso*) Até breve, senhor fidalgo! (*ouve-se na rua o ruido da sege e avista-se esta*) Frades a Lisboa!

FR. MANOEL. Eis a sege.

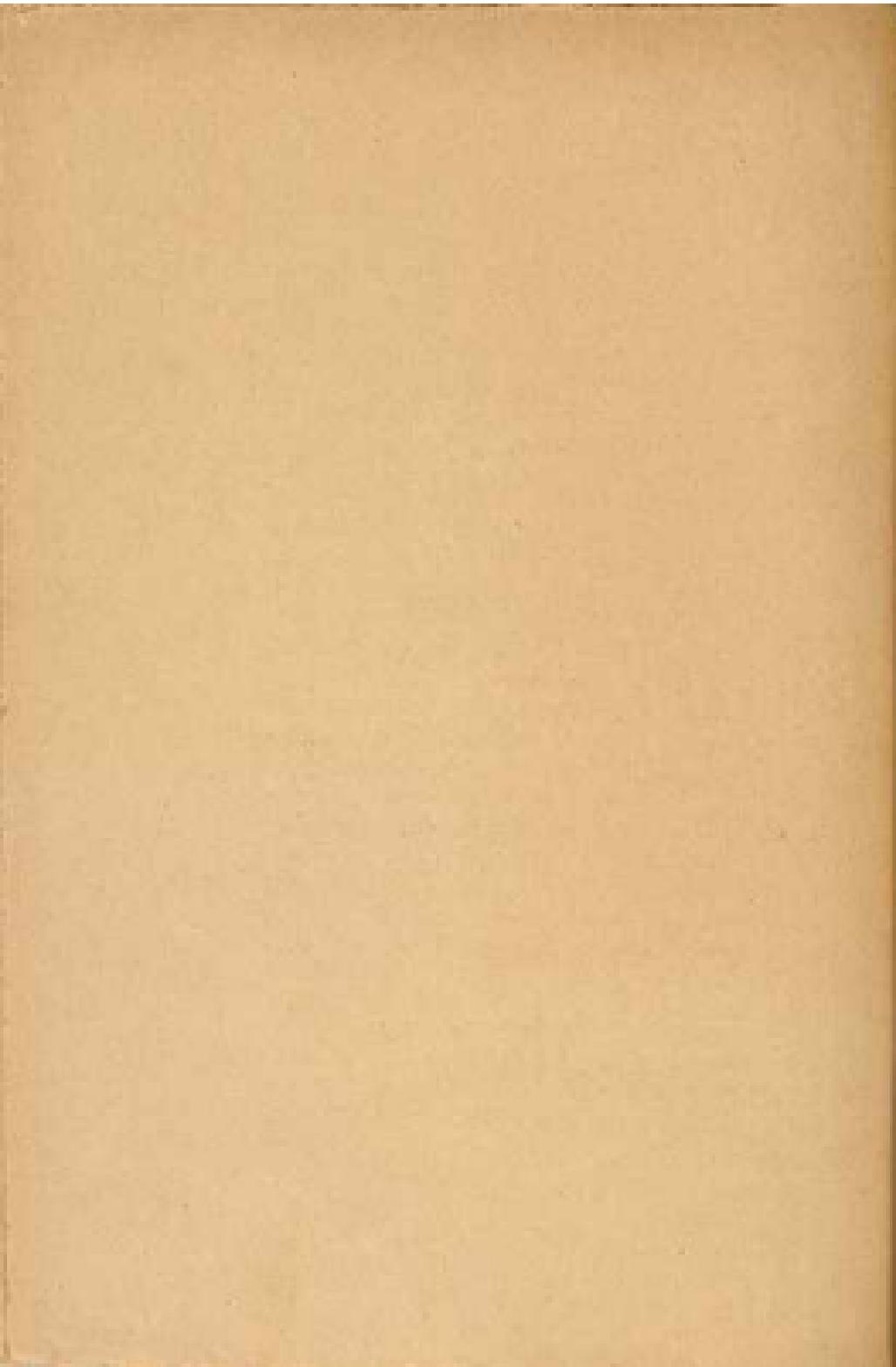
MARQUEZ. (*com ultimo olhar ameaçador a D. Alexandre*) Agora nós! (*sae rapido, vê-se entrar na sege e partir, seguido dos embuçados e do Postilhão a cavallo*)

SCENA XV

Os mesmos menos o Marquez

D. ALEXANDRE (*apontando para o fundo*) Agora nós! velho cannibal! Carrasco miseravel de tantos desgraçados! Agora nós! Soou a tua hora fatal! a da vingança dos homens! e a do castigo de Deos!

FIM DO 1.º QUADRO DO 4.º ACTO



4.º ACTO

(2.º Quadro)

SCENA I

João, Fr. Manoel e Fr. João

JOÃO (*vindo da capella mor, ao tempo em que os frades entram na egreja, e avistando-os*) O que! Pois vossas Reverendissimas ainda por Evora!

FR. MANOEL. Ainda, e não sairemos sem mais alguma nova chegar de Lisboa. Sabeis alguma cousa?

JOÃO. Não sei; mas o sr. D. Alexandre não deve aqui tardar, e elle nos contará tudo. Chegam-lhe noticias todos os dias.

FR. JOÃO. Eu ainda não ando em mim de assustado.

JOÃO. Pois olhe que eu, meu caro frade, cada vez entro mais em mim, de quem ha dez annos ando arredio.

SCENA II

Os mesmos e D. Alexandre

D. ALEXANDRE (*vindo da rua*) Oh! Já vos não fazia nesta cidade!

JOÃO. Tambem eu já lhes estranhei a permanencia.

FR. MANOEL. Os acontecimentos são assombrosos, e a ser certo que... deixae-me ver o papel que tendes. (*Toma a carta que lhe dá D. Alexandre, lê, e passa-a à mão de Fr. João*).

FR. JOÃO. Tudo isto me atemorisa. (*Depois de ler*) O que irá em Lisboa?!... (*para Fr. Manoel*) Não sei, não sei o que devamos fazer.

D. ALEXANDRE. Ide-vos, como vos disse a fera humana, ou permanecei. Dae-me esse papel. (*toma-o e arrecada-o*) Mas ficae sabendo mais: que, se se confirma, a noticia casarei logo com D. Isabel de Sousa.

FR. JOÃO. Logo, dizeis?

D. ALEXANDRE. Logo, logo, aqui, 'nesta egreja. A doença do rei é perigosa e a morte será inevitavel, por seguras informações que tenho. E assim, depois da dispensa do sr. D. João Cosme da Cunha, transmittida a seu Governador, o senhor bispo de Hetalonia, D. Vicente da Gama Leal, será negocio concluido sem demora. (*para João, que suppõe presente*) João Pancraccio? João? exulta! Queres saber? (*reparando na falta delle*) Não está!

SCENA III

Os mesmos e João

João (*vindo do lado do altar mór*) Alguma boa nova, senhor D. Alexandre?

D. ALEXANDRE. El-rei D. José está doente, a morte parece ser certa, e então...

JOÃO. O que?! Isso é verdade?

D. ALEXANDRE. É, como é certo ter saído agora d'aqui o Marquez de Pombal.

JOÃO (*assombrado e medroso*) O Marquez de Pombal! Não pode ser. (*duvidando*) Eu não saí da egreja, e não o vi!

FR. MANOEL. É certo.

FR. JOÃO. Estava disfarçado na egreja e confundido com o publico que veio á missa:

D. ALEXANDRE. Vês? E' certissimo.

JOÃO (*amedrontado*) Mas estamos todos perdidos para sempre. . .

D. ALEXANDRE. Estamos salvos! é o que estamos! O despota, ao saber pela Inquisição dos meus amores, correu a Evora em marchas forçadas para levar Isabel e me prender. Deixou com saude o inepto rei, e não sabia da doença d'elle, succedida depois que saiu! Vê tu este papel de minha mãe. (*dá-lh'o*)

JOÃO (*depois de ler*) Se não fosse esta noticia estavamos então promptos?! . . .

ALEXANDRE. Desarmeí-o com ella. Já trazia esbirros para me prenderem, e a ti, se te descobrisse. . .

JOÃO. Oh gaudio! oh alegria! Vou então ser. . . (*suspendendo-se*) vou ser casado.

D. ALEXANDRE. Tambem eu. (*para os frades*) Depois do que leram podem vossas paternidades desistir do proposito que tinham. O Marquez desaparece com D. José; é inevitavel, é certissimo.

FR. MANOEL. Não deveriamos, porém, sair d'Evora para Lisboa sem que chegasse a confirmação; porque, a não se realisar, quem sabe lá se o Marquez nos mandará outra vez aqui. . .

JOÃO. Pois ide quando quizerdes; mas sabeí que eu

vou dar parte á senhora D. Isabel. Ah! pobre menina, como exultará! Bravo!

FR. JOÃO. Lembre-se do logar em que estamos. . . (*reprehendendo-o*) Isso não se diz aqui.

JOÃO. Não se diz? Olhe que se chega a noticia ainda lhe hei de dizer ao ouvido outra cousita, para levar ao seu amigalhaço, que o ha de fazer comer lume, e dar a quantos perros tem a Mauritania.

D. ALEXANDRE. Chego rapido ao paço archiepiscopal. Dize a D. Isabel, ou manda-lhe estas noticias. (*para os frades*) Vamos, meus senhores. (*saem*)

SCENA IV

João e depois Isabel e Maria

JOÃO. João Pancrácio, sacristão, mordomo tudo isso se vae num prompto mudar em. . . (*olhando em volta*) em José Polycarpo de Azevedo. Ah! meu mulato! assassino! monstro! Vae chegar a minha vez! carrasco do meu querido duque de Aveiro! Anda, tyranno, queima-me, se és capaz! (*olhando o lado do altar mór*) Venha minha senhora, que temos de certo boas noticias.

ISABEL (*vindo da direita*) João? João? que alegria é a tua? Falla de pressa!

MARIA. Já, Já!

JOÃO. Oh! que prazer! minhas senhoras! (*baixo a Maria*) Tu, não; o senhor sou eu. (*alto*) Saibam que. . . (*olhando o côro*) Não estará por allí nenhuma? Saibam que morreu, não, não: que está para morrer el-rei D. José, e que leva o diabo. . . ai! ai! o que disse eu, Jesus!

ISABEL. Como o sabes?

MARIA. Sim, como?

João. Por D. Alexandre, que me deu a noticia mais a dois frades, que vieram de Lisboa.

D. ISABEL (*muito alegre e ajoelhando diante do altar*) Oh! virgem sanctissima, permitti que assim seja! (*vindo a João*) Mas fallaste em dois frades... que quer isso dizer? Serão aquelles que me annunciou Alexandre?

João. Que são dois frades que vosso pae (que pae!) o Marquez, o mulato, aqui mandou para persuadirem a menina a..

MARIA (*interrompendo-o*) Não tem cá que fazer; podem voltar por onde vieram.

João. Isso já lhe disse o sr. D. Alexandre, despedindo-os com carta de guia. Mas o melhor não sabe a menina! O proprio Marquez de Pombal acaba de sair d'aqui.

ISABEL (*sobresaltada*) O que?! o Marquez?!

João. Não foi menor o meu espanto; teve denuncia da Inquisição, ou de não sei quem, contra D. Alexandre e correu a Evora para levar a menina e prendel-o a elle.

MARIA. E onde está?

João. Voltou com a mesma pressa com que veio; porque D. Alexandre lhe disse cousa que o desorientou.

ISABEL. Iria buscar homens para o prenderem a elle e a mim.

João. Nada, não foi; abalou para Lisboa a pés de cavallo; porque ficou atarantado com uma noticia que lhe deu o senhor D. Alexandre.

ISABEL. E que noticia foi essa?

João. Que el-rei D. José está muito doente e que se lhe espera a morte.

MARIA. Eu não desejo a morte a ninguém, porém se elle morresse, seria um grande bem.

ISABEL. Mas que é de Alexandre? que é d'elle?

JOÃO. Foi ao paço archiepiscopal fallar ao senhor bispo de Hetalonia.

ISABEL. Sabes para que?

JOÃO. Para que? Pois a menina não adivinha para que?

ISABEL. Eu, não. (*fica pensando*)

MARIA. Para tratar do seu casamento com a menina, pois para quê?

ISABEL. Mas... sou casada ainda; não me consta que o meu casamento fosse annullado...

JOÃO. Mas talvez o seja: D. Alexandre bem sabe o que faz; mas vamo-nos nós d'aqui, não se descubra o que temos fallado e se espalhe a noticia da vinda do Marquez, que levantaria borbórinho na cidade. (*saem*)

SCENA V

Freiras no côro

Gaude et laetare Virgo Maria, alleluia (*pausa*) Quia surrexit Dominus vere, alleluia. (*depois de breve pausa ouvem-se os sinos do convento dobrando a finados*)

SCENA VI

D. Alexandre e João

D. ALEXANDRE (*vindo da capella môr vestido ao modo da epocha*) Morreu el-rei D. José! Caiu o Marquez de Pombal!

João (*que o tem seguido*) Salvos! todos salvos!

D. ALEXANDRE. Graças, meu Deus! Graças intimas vos rendo. Ditosos os que creem e esperam! Corre participar á menina que hoje mesmo se ha de celebrar o nosso consorcio! Que o annuncie á Abbadessa e ás freiras.

João. Então hoje? aqui?

D. ALEXANDRE. Sim, aqui.

João. Porém, tão depressa! á porta fechada!

D. ALEXANDRE. Não; abre aquella porta.

João. Não se costuma abrir a esta hora.

D. ALEXANDRE. Abre por minha conta, que acabou o reinado do terror. (*João abre a porta da egreja*) Abre, e deixa, que eu mesmo vou fallar á Abbadessa a quem não tardará uma ordem do sr. Arcebispo e auctorição para frei João de Mansilha assistir ao Matrimónio.

João (*depois de abrir a porta*) Pois frei João! . . . (*risonho*) é quem vos ha de casar?

D. ALEXANDRE. Quero pregar-lhe essa peça. Vamos, vamos, João Pancrácio, accende aquelles altares que eu volto já. (*sae pela porta principal*)

João (*emquanto D. Alexandre vae saindo*) Faz favor de não me chamar João Pancrácio. Pancrácio! José Polycarpo de Azevedo é o que eu sou! Agora sim, que te não temo, mulato de uma figa! (*olhando o côro e como crendo que lá esteja alguém*) José Polycarpo, sim, minhas senhoras. (*e bailando e cantarolando*)

Já não quero pedir mais esmolas,
Já não quero ser mais sacristão!

Vamos a isto, vamos casal-os; porém. . . (*accenden-*

do as velas) a menina está casada com outro, não poderá ser. (*pensando*) Mas D. Alexandre que disse que sim, é porque sim.

SCENA VII

João e os dois frades

João (*acabando de accender as velas e avistando-os*)
Venham cá, venham cá, que veem muito a tempo! Já os não fazia por Evora! . . .

FR. MANOEL. Que alegria é essa? João Pancrácio? Morreria D. José?

João (*contentissimo*) João! Alto lá com isso: José Polycarpo de Azevedo, sim, senhores, se me fazem favor.

FR. MANOEL. O que diz, homem?

João. O que digo? A verdade.

FR. JOÃO. Estará doido.

João. Qual doido! Quem pensa 'nisso?

FR. MANOEL. Calle-se homem de Deos! que se alguma verdade ha no que diz, poderá ser preso e . . . queimado.

João. Queimado! Duas vezes é que não. Contente-se lá o mulato com a primeira queimadela em estatua, que esta (*apontando para si*) não apanha elle. (*ouvem-se os sinos do convento dobrar a finados*) Ouvís? Já sabeis que morreu D. José e que desabou o despota? Viva o José Polycarpo!

FR. JOÃO. Calle-se, calle-se! que nos compromette. Endoideceu! coitado!

FR. MANOEL (*baixo*) Sera verdade que esteja aqui o

José Polycarpo? (*alto*) Mas José Polycarpo era mais alto e tinha outro rosto.

João. Queimei-o com vitriolo e... fiz as pernas mais curtas.

FR. JOÃO. Milagre!

João. Agora o melhor. (*para frei João*) Saiba, senhor frade, que ha de hoje casar a menina Isabel com o senhor D. Alexandre.

FR. JOÃO. Hein?!

FR. MANOEL. O que?!

João. Isto sómente. Disse-m'o D. Alexandre e elle bem sabe o que diz.

FR. JOÃO. Endoideceu, com certesa! coitado!

FR. MANOEL. Vamo-nos nós embora, não seja verdade que morresse el-rei. E mesmo nós já não temos que fazer aqui, como nos disse o Marquez. (*vão para sair*)

SCENA VIII

Os mesmos e D. Alexandre

D. ALEXANDRE (*vindo da rua pela porta do fundo*)
Então quereis deixar-me no melhor da festa? (*risonho*)
Entrae.

FR. MANOEL. Acabou a nossa missão; e a ser verdade que morresse el-rei, o marquez deve desabar do poder, o matrimonio será annullado, e...

D. ALEXANDRE. Já o foi.

FR. JOÃO. Já?

D. ALEXANDRE. Vede todos esses papeis, que acabo de receber por um proprio de minha mãe. (*dá-lhe papeis que leem*) João, está tudo prompto?

João. Tudo. (*sae para a sachristia*)

FR. MANOEL. É verdade. (*dá-lhe os papeis*)

FR. JOÃO. Não ha duvida.

D. ALEXANDRE. Ha.

FR. JOÃO. Qual?

D. ALEXANDRE. A de precisar eu de um ministro que assista ao matrimonio, e de não ter a certeza de que vossa Reverendissima queira ser esse.

FR. JOÃO. Eu! Senhor D. Alexandre, eu. . .

D. ALEXANDRE. Então, quereis que procure outro? (*para frei Manoel*) Não achaes justo que seja elle?

FR. MANOEL (*sorrindo*) Sim, parece-me que sim,

FR. JOÃO. Não tenho jurisdicção. . .

D. ALEXANDRE. Socegae esse espirito meticoloso, que ella apparecerá; e, pois que já casastes uma vez a Isabel, casal-a-heis segunda.

FR. JOÃO. Será como dizeis, que remedio!

João (*entrando vindo da sacristia*) Chegou agora um homem com este papel para vossa excellencia.

D. ALEXANDRE. Entrega-o aqui a Fr. João. Vae dar parte lá para dentro de que está tudo preparado.

João. Immediatamente. (*sae para a capella mór*)

SCENA IX

Os mesmos, menos João

FR. MANOEL. Não haveis testemunhas? São precisas.

D. ALEXANDRE. Sereis vós, João Pancraccio e as freiras, que, pela novidade na sua egreja, não deixarão de vir todas ao côro, ou aqui. (*Entram na egreja algumas pessoas devotas*)

FR. JOÃO. Ora quem me diria a mim, ha nove annos, que casaria hoje a mesma senhora, sem ella ser viuva!

(No côro devem apparecer freiras cujos vultos se vejam a través das grades)

D. ALEXANDRE. São fructos das violencias do Pom-
bal. Ide paramentar-vos, que o tempo urge. (*Fr. João e*
Fr. Manoel saem para a capella môr)

SCENA X

D. Alexandre, João, Isabel e Maria

JOÃO. Ahi vem a senhora D. Isabel. (*Isabel, Maria e*
algumas freiras saem do lado direito)

D. ALEXANDRE. Isabel! Minha Isabel!

ISABEL. Alexandre! (*dão-se as mãos*)

D. ALEXANDRE. Bemdita do céu e dos homens, admi-
rada de todos, exemplo rarissimo da mulher forte, da
mulher amorosa, e casta, e pura, vem! oh! vem ser
minha esposa! (*toma-a pela mão e vão para o lado do*
altar môr, seguidos das freiras)

SCENA ULTIMA

João e Maria

JOÃO. Ide, e sêde felizes! Diz-me não sei que pre-
sentimento íntimo, que antevisão do futuro, que de tão
castos e de tão puros amores ha de nascer um grande
homem, que mais cedo ou mais tarde salvará a liber-
dade d'este paiz das mãos da tyrannia.

MARIA. Singular prophesia! E quem será?

JOÃO (*aspecto de vidente e depois de breve pausa*) Um
duque de Palmella.

FR. JOÃO. (*sem ser visto na capella mór*) Ego conjungo vós in Matrimonium. In Nomine Patri, Filii et Spiritus Sancti. Amen.

MARIA. Ora não creiam lá em Deos!

JOÃO. E no dictado bem certo: o casamento e a mortalha no céu se talha. (*as freiras cantam o ultimo versiculo*) Gaude et laetare virgo Maria, alleluia. (*cae o panno*)

FIM



A pressa com que correu esta impressão deixou-a muito imperfeita.

Correcções aos principaes defeitos:

Pag. 15 lin. 1.^a — abtinencia — abstinencia.

Pag. 24 — Na scena XVI entram tambem *D. Vicente, a filha e F. Manoel.*

Pag. 25 — Scena XVIII. Deve lêr-se: *Os mesmos, menos o conde e condessa.*

Pag. 35 — Scena VII. José, no fim da scena (*sae*).

Pag. 50 — Scena XXII. João depois de dizer *silencio (sae)*.

Pag. 50 — Scena XXIII. Estão em scena *os mesmos menos João.*

Pag. 64 lin. 24.^a — hei de — heis de.

Pag. 70 — Depois da falla do Marquez: *Vae. (Fr. João sae)*.

Pag. 78 — Scena V. João, depois de dizer: Não te esqueças de mim. (*sae*).

Pag. 80 — *in fine*: e — es

Pag. 82 — Scena IX. Leia: *o mesmo e o padre*, etc.

Pag. 87 — Fr. *José* leia Fr. *João*.

Pag. 94 lin. 1.^a — João depois de fallar (*sae para o lado do altar mor*).

